

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE TEOLOGIA

MAGNO VALIM MACENA

DEUS NUNCA DEIXOU DE CHAMAR:
UMA REFLEXÃO TEOLÓGICO PASTORAL A RESPEITO DO CHAMADO E OS
DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS JOVENS DE HOJE

GOIÂNIA-GO
2021

MAGNO VALIM MACENA

DEUS NUNCA DEIXOU DE CHAMAR:
UMA REFLEXÃO TEOLÓGICO PASTORAL A RESPEITO DO CHAMADO E OS
DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS JOVENS DE HOJE

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Teologia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Professor Orientador – Pe. Esp. David Pereira de Jesus.

GOIÂNIA-GO
2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

*Ao Senhor que me chamou,
A Dom Washington Cruz, CP,
Meus pais e todos os meus familiares,
aos irmãos que Deus me deu e
a todo povo de Deus.*

AGRADECIMENTOS

Ao Pai Eterno – “Criador de todas as coisas” – por ter me chamado ao grande dom da vida e por me sustentar em sua infinita Bondade, a Virgem Maria e a São José pela proteção paternal;

Aos meus pais, Juberti Dutra Macena e Geneci Valim de Melo Macena, e ao meu irmão Eduardo Valim Macena por todo amor carinho e força;

Ao Arcebispo de Goiânia, Dom Washington Cruz, CP, por me acolher de modo paternal na Arquidiocese;

Ao Prof. Pe. Esp. David Pereira de Jesus, pela disponibilidade, atenção e paciência em me orientar neste trabalho; e aos professores Pe. Dr. Eli Ferreira Gomes e Pe. Me. Silvio Rogério Zurawski e que se dedicaram em ler e avaliar este trabalho;

Aos Padres que me acompanharam durante o processo formativo, de modo especial ao meu diretor espiritual Pe. João Cesar Lobo e os demais padres formadores;

A todos os Professores dos cursos de Filosofia e Teologia do Instituto Santa Cruz pela dedicação em ensinar;

Aos meus irmãos seminaristas da Arquidiocese de Goiânia; aos meus irmãos de turma; e aos demais irmãos do Seminário Maior Interdiocesano São João Maria Vianney por se fazerem presentes neste tempo.

*Por isto mesmo, irmãos, procurai com mais
diligência consolidar a vossa vocação e
eleição, pois, agindo desse modo, não
tropeçareis jamais.*

2 Pd 1, 10.

RESUMO

O chamado é algo sobrenatural de Deus ao homem. Desde o início da criação, o homem é chamado primeiramente à vida, em seguida, Deus o chama a viver, segundo a sua vontade, uma vocação específica, a qual o fará alcançar a santidade. Para isso, é preciso saber lidar com as inquietações e angústias, de modo que, um acompanhamento pessoal, contribua para uma resposta sincera. Desse modo, o presente trabalho apresenta uma reflexão teológico pastoral, tendo como objeto de investigação a vocação, levando em conta os desafios enfrentados atualmente. Sendo assim, o trabalho busca refletir, também a partir da convicção de que Deus continua chamando os jovens a uma vocação de consagração total. E tendo como base textos bíblicos, alguns documentos do Magistério, este, analisa as dificuldades comumente encontradas no processo de discernimento vocacional nos dias atuais. E com base nestes textos, encontrar luzes que contribuam para uma resposta mais consciente e concreta da parte de quem é chamado.

Palavras-chave: Vocação; Discernimento; Chamado; Pastoral Vocacional.

RIASSUNTO

La chiamata è qualcosa di soprannaturale da Dio all'uomo. Fin dall'inizio della creazione, l'uomo è anzitutto chiamato alla vita, poi Dio lo chiama a vivere secondo la sua volontà, una vocazione specifica, che lo farà a raggiungere la santità. Per questo è necessario saper affrontare le preoccupazioni e le angosce, affinché un accompagnamento personale contribuisca a una risposta sincera. Così, il presente lavoro presenta una riflessione teologico pastorale, che ha come oggetto di investigazione, la vocazione, tenendo in considerazione le sfide affrontate oggi. Pertanto, lo studio cerca di riflettere, anche dalla convinzione che Dio continua a chiamare i giovani ad una vocazione di totale consacrazione. Prendendo come base i testi biblici, alcuni documenti del Magistero, si fa l'analisi delle difficoltà che si trovano oggi nel processo di discernimento vocazionale. E sulla base di essi, trovare luci che contribuiscano ad una risposta più consapevole e concreta da parte di chi è chiamato.

Parole chiave: Vocazione; Discernimento; Chiamato; Pastorale Vocazionale.

SIGLAS

AL = Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*: Sobre o amor na família.

CEC = Catecismo da Igreja Católica.

CNBB = Conferência Nacional dos Bispos Do Brasil.

CV = Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*.

DP = Documento de Puebla.

DSD = Documento de Santo Domingo.

Dt = Deuteronômio.

Ex = Êxodo.

FC = Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*.

Gn = Gênesis.

GS = Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes* Sobre A Igreja no mundo de hoje.

Is = Isaías.

Jo = Evangelho Segundo São João.

Jr = Jeremias.

Lc = Evangelho Segundo São Lucas.

Mc = Evangelho Segundo São Marcos.

Mt = Evangelho Segundo São Mateus.

PDV = Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a formação dos sacerdotes *Pastoris Dabo Vobis*.

VATICANO II = Concílio Ecumênico Vaticano II.

1Cor = Primeira Epístola aos Coríntios.

1Sm = Primeiro Livro de Samuel.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O CHAMADO NA HISTÓRIA.....	13
1.1 ETIMOLOGIA DA PALAVRA	13
1.2 O CHAMADO NA BÍBLIA.....	13
1.2.1 O Chamado no Antigo Testamento	14
1.2.2 O Chamado no Novo Testamento	18
1.3 O CHAMADO HOJE, DEUS AINDA CHAMA?.....	21
2 OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS JOVENS NO PROCESSO DE DISCERNIMENTO AO CHAMADO.....	25
2.1 A DIFICULDADE DA RENÚNCIA.....	25
2.2 A IMATURIDADE	28
2.3 A FAMÍLIA.....	33
2.4 OUTROS ASPECTOS	36
3 AS PROPOSTAS APRESENTADAS PELA IGREJA PARA A ANIMAÇÃO VOCACIONAL	39
3.1 A PASTORAL VOCACIONAL	39
3.2 O SER DA PASTORAL VOCACIONAL	42
3.3 O ACOMPANHAMENTO	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

O chamado a uma vocação específica sempre aconteceu na história de Salvação do povo de Israel. Na era cristã, não poderia ser diferente. O Senhor chamou, inicialmente, doze para estar com Ele, os quais constituiu Apóstolos. Depois, com o anúncio da Boa Nova, os seguidores do “caminho”¹ foram crescendo, com isso, foi necessário escolher homens de bem para funções específicas como diáconos, presbíteros e episcopos.

Ainda hoje, o Senhor, chama jovens para segui-lo mais de perto, mas, esse chamado não é uma imposição, e sim, uma livre resposta. Com isso, percebe-se que alguns jovens se sentem chamados, no entanto, não tem coragem para responder. Quais seriam essas dificuldades e, como ajudar os jovens a responder de forma adequada este chamado que o Senhor faz a eles?

O presente trabalho, tem por objetivo, observar o chamado de Deus desde os primeiros tempos, ou seja, acompanhar como Deus chama no Antigo e no Novo Testamento. Também observar nos dias atuais, como esse chamado é respondido e, quais são os critérios, dificuldades para uma resposta madura, consciente e frutuosa. E refletir, o que leva os jovens a ter uma resposta medíocre, ou, ainda, incompatível com o chamado Divino. Como perceber o chamado de Deus a nós e como responder aos mais diversos problemas que podem aparecer no dia a dia, na vida dos jovens, os quais, podem dificultar a resposta. Assim sendo, buscaremos apresentar os possíveis caminhos para se enfrentar essas dificuldades, bem como dar uma resposta mais consistente ao chamado do Senhor. Por fim, expor o que a Igreja do Brasil propõe como critérios e meios para auxiliar estes jovens em seu caminho vocacional, através da Pastoral Vocacional.

Para isso, foi feito o levantamento de informações e conhecimentos acerca do tema a partir de diferentes materiais bibliográficos já publicados, colocando em diálogo os principais autores e suas publicações acerca da vocação, sobretudo o que diz a Igreja. Desse modo, para melhor apresentarmos essa temática, nosso trabalho está dividido em três capítulos, o primeiro sobre o chamado na história; o segundo sobre os desafios enfrentados pelos jovens no processo de discernimento ao chamado; e por fim, o terceiro que trata sobre as propostas apresentadas pela Igreja para a animação vocacional.

No primeiro capítulo trataremos sobre o chamado na história. Primeiramente, faremos uma reflexão sobre a etimologia da palavra vocação, em seguida, veremos exemplos de chamados no Antigo Testamento, perpassando a vida de Abraão, o primeiro patriarca, Moisés,

¹ Termo inicialmente utilizado para denominar os cristãos.

o grande profeta, Davi, o rei escolhido pelo Senhor, do qual, de sua descendência, nasceria o Salvador, e por fim, a Vocação do Profeta Jeremias, que foi chamado ainda no ventre materno. A reflexão sobre esse chamado na história continua no Novo Testamento, no qual analisaremos o chamado da Virgem Maria e de seu Esposo São José, pais de Jesus. Encerrando, assim, com o chamado que o próprio Jesus faz ao jovem rico.

Depois de analisarmos esses personagens das Sagradas Escrituras, daremos um salto para os dias atuais e, partindo desta pergunta: Deus ainda chama?, e analisaremos a relação dos jovens com o Senhor, e, ainda, observar a problemática vivida pelos jovens na sua relação com Deus e a Igreja, baseando-se nas respostas oferecidas pelos jovens ao Sínodo da Juventude. Desse modo, passaremos a entender que Deus continua a chamar, mas o que parece atrapalhar a resposta a esse chamado, inicialmente, é a falta de uma íntima relação dos jovens com Cristo.

O segundo capítulo tratará da problemática enfrentada pelos jovens nos dias atuais, que, muitas vezes, podem o atrapalhar no discernimento vocacional, ou mesmo, em dar uma resposta consistente. Sendo assim, a primeira questão a ser apresentada, é a dificuldade da renúncia, essa não sendo somente material, mas também, porque o mundo oferece muitas coisas que prendem nossos jovens. Com isso, eles não conseguem entender o chamado, ou dificuldades para responder. A imaturidade aparece frequentemente no contexto vocacional, pois, sem a maturidade devida, o jovem não consegue tomar decisões concretas em sua vida, e assim, ficam à mercê dos pais para decidirem por eles.

Apresentaremos, ainda, que um outro problema a ser enfrentado pelos jovens, é a família, hoje encontramos muitos desafios em nossas famílias, seja pela desestruturação, ou ainda, por diversas ideologias entranhadas na sociedade e que, por muitas vezes, ao invés de preparar, tem-se efeito contrário para assumir a vocação matrimonial. Nesse sentido, muitos dos jovens sofrem variadas dificuldades relacionadas ao campo familiar. Além disso, não poderíamos deixar de elencar alguns outros problemas incisivos na juventude, como por exemplo, a pornografia, que desestrutura a pessoa como um todo; a internet, que afeta não só a vida social, mas pode tornar-se um vício; os jogos de azar e as drogas, que levam não só jovens, mas diversas pessoas ao vício, de modo que, para alguns, para sair dessa realidade é quase impossível.

Por fim, no terceiro capítulo abordaremos como a Igreja pode ajudar os jovens a superar as suas dificuldades e responder de forma concreta o chamado. Desse modo, faremos um percurso histórico e hierárquico, começaremos pelo Vaticano II, passando pelas três últimas conferências Episcopais Latino-Americanas e Caribenha, sendo elas: Puebla; Santo Domingo e Aparecida. Depois, o que a Igreja no Brasil fala sobre o tema das Vocações. Nesse sentido,

apresentaremos, como modelo concreto de agir, o exemplo da preocupação da Arquidiocese de Goiânia, com a promoção das vocações. Após ter feito esse percurso, falaremos do ser da Pastoral Vocacional e como ela pode ajudar os jovens no discernimento. Por último, trataremos como a Pastoral Vocacional pode ajudar o jovem no discernimento, caminhando juntos para cultivar a amizade com Cristo Jesus. Assim sendo, buscaremos demonstrar a importância pós esse encontro, no cultivo da intimidade com Ele, através da *Lectio Divina*, nos sacramentos, em especial o da Penitência e o da Eucaristia. Concluindo, refletindo sobre a importância da direção espiritual não só no processo de discernimento, e sim, na vida de cada pessoa, cada jovem, de modo particular, do vocacionado.

1 O CHAMADO NA HISTÓRIA

*Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis e dá aos pobres,
e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me.
Mt 16,21*

1.1 ETIMOLOGIA DA PALAVRA

Muitas vezes costumamos usar para falar de vocação a expressão “chamado vocacional”, mas este termo, propriamente dito, não me parece muito correto. Antes, pois, de aprofundarmos o tema, vejamos etimologicamente o que quer dizer vocação. “A palavra vocação deriva do verbo latino *vocare*, que significa simplesmente ‘chamar’.”² Mas, por detrás de toda palavra que deriva do latim, existe uma raiz. A raiz da palavra, no entanto, é “*vox, vocis*, isto é, voz. Portanto, vocação quer dizer tão-somente chamamento ou chamado”³.

Nesse sentido, o termo comumente utilizado para definir o chamado particular, ou específico do homem, pode parecer redundante. Nesse contexto, usaremos no presente trabalho o termo chamado, ou o termo vocação para se referir ao contexto vocacional e não o termo “chamado vocacional”. Contudo, salientamos que não temos a intenção aqui de corrigir esse termo, ou propor uma mudança de terminologias, mas, apenas explicar o motivo pelo qual não será utilizado.

Ainda falando da palavra vocação, podemos entender a partir do significado, o sentido que muitas vezes é usado, como aptidão ou inclinação a uma coisa ou algo é incorreto. Pois, antes de ser uma aptidão, é uma resposta a alguém que chama. Com isso, reduzir o termo vocação, também, a uma simples aptidão, seria o mesmo que esvaziar o seu sentido.⁴

1.2 O CHAMADO NA BÍBLIA

O chamado do Senhor é claro e constante em toda a história da Salvação. Podemos ver que existe chamados na Bíblia desde o livro do Gênesis. Mas, o chamado à uma missão é muito

² OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. Teologia da Vocação: Temas Fundamentais. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 19.

³ OLIVEIRA, 1999, p. 19.

⁴ Cf. OLIVEIRA, 1999, p. 19-20.

claro nos livros proféticos: “A palavra do Senhor me foi dirigida nos seguintes termos”⁵ (Jr 1,4). Nesse contexto, a palavra do Senhor é constantemente dirigida aos profetas indicando o que devem fazer, ou seja, sua missão. Podemos ver ainda de maneira objetiva, como muitos personagens bíblicos deixaram tudo para seguirem o Senhor, desde o Antigo Testamento.

Com isso, vamos expor alguns chamados que o Senhor fez ao longo da história da Salvação, para que fique mais claro que o Senhor chama de modo particular a cada um e que, esse chamado, nunca é no mesmo contexto. Contudo, o chamado do Senhor é feito em um momento oportuno, de modo que, a resposta, expresse uma maior adesão e fecundidade da vocação a qual somos convidados a seguir.

O intuito aqui não é expor todos os chamados feitos pelo Senhor, mas sim, mostrar em contextos diferentes, como o chamado é realizado, e como são as implicações desse chamado, sendo assim, abordaremos alguns chamados que consideramos importantes no Antigo e no Novo Testamento.

1.2.1 O Chamado no Antigo Testamento

No contexto do Antigo Testamento trabalharemos quatro personagens, os quais consideramos importantes no sentido do chamado. O primeiro deles é Abraão, o primeiro dos patriarcas. Nesse sentido, o consideramos importante. O segundo é Moisés, o grande profeta (Cf. Dt 34,10) que, recebe a missão de tirar o povo de Israel do Egito e, mesmo sendo humanamente uma missão impossível, não recusa. O terceiro é Davi, o segundo rei de Israel, considerado o grande rei, do qual, o Messias seria seu descendente. O quarto é Jeremias, um profeta que é escolhido pelo Senhor, ainda, no ventre materno. Com isso, aqui não foi feita uma seleção, de modo a dizer que, esses, são os mais importantes personagens do Antigo Testamento, mas sim, fazemos uma análise, a qual visa ser importante conhecer o contexto do chamado.

Ainda gostaríamos de ressaltar que, os personagens serão analisados na perspectiva do chamado, ou seja, será uma análise textual no sentido de resposta à convocação de Deus e não uma exegese do texto propriamente dita.

A primeira figura, ou melhor, personagem que falaremos é Abraão (Cf. Gn 12-22), cujo significado do nome é “o pai é enaltecido”⁶. Este é um exemplo claro de desprendimento, que

⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova Edição, revista e ampliada. 12ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2017.

⁶ COMAY, Joan. Quem é quem no Antigo Testamento. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1998, p. 30.

permite deixar tudo. Pode-se dizer que, talvez seja até emblemático o seu chamado, “sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei” (Gn 12,1). Após ouvir o Senhor lhe dizer isso, Abraão não questionou como iria acontecer e nem quando a promessa feita a ele, pelo Senhor, se cumpriria. Imediatamente se propõe a “sair do que se tem e se ama, abandonar o presente, para pôr-se em marcha rumo ao desconhecido, o futuro”⁷, ou seja, deixa todo o seu conforto, seus bens, sua família e suas terras e vai, de acordo com o que o Senhor lhe tinha ordenado.

Abraão é um exemplo claro de desprendimento de bens, em vista do chamado do Senhor.

Ouve a voz de Deus e confia na sua palavra. Isto é importante: confia na palavra de Deus. E com esta sua partida nasce um novo modo de conceber a relação com Deus; é por este motivo que o patriarca Abraão está presente nas grandes tradições espirituais judaica, cristã e islâmica como homem de Deus perfeito, capaz de se submeter a Ele, até quando a sua vontade se revela árdua, ou incompreensível.⁸

Sendo assim, em Abraão se percebe uma vida de entrega e confiança ao Senhor. Na qual se nota que, Abraão, tem uma profunda vida de oração, e é o que faz com que acredite na promessa e confia na Palavra do Senhor. “A oração de Abraão se exprime primeiro por atos: como homem de silêncio, ele constrói, a cada etapa, um altar ao Senhor”⁹. Como última etapa para purificar sua fé, o Senhor lhe pede que sacrifique o seu filho Isaac. Abraão não tem sua fé abalada, e quando é questionado por Isaac, a respeito do cordeiro para o holocausto, prontamente responde: “É Deus quem proverá o cordeiro para o holocausto, meu filho” (Gn 22,8). Com isso, ele manifesta “uma fé inamovível em Deus”¹⁰, ou, seja, confiança total n’Aquele que lhe fez as promessas quando saiu de sua terra. “O pai dos que creem se configurou ao Pai que não há de poupar seu próprio Filho, mas o entregará por todos nós” (CEC 2572). Dessa maneira, aprendemos com “Abraão a rezar com fé, a dialogar, a discutir, mas sempre dispostos a aceitar a palavra de Deus e a pô-la em prática”¹¹.

Outro grande personagem que se destaca no Antigo Testamento é Moisés (Cf. Ex 3-34), cujo nome significa “retirado de”¹², segundo Comay “a figura mais majestosa do AT”¹³, aceitou

⁷ SICRE, José Luis. Introdução ao Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 93.

⁸ FRANCISCO. Audiência Geral. Quarta-feira 03 de junho de 2020. Catequese 5: A Oração de Abraão. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200603_udienza-generale.html. Acesso em: 11 Ago. 2021.

⁹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CEC). São Paulo: Edições Loyola, 1999, n. 2570.

¹⁰ SICRE, 1994, p. 96.

¹¹ FRANCISCO. Catequese 5: A Oração de Abraão.

¹² MONLOUBOU, L.; BUIT, F. M. du. Dicionário Bíblico Universal. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 532.

¹³ COMAY, 1998, p. 228.

o chamado do Senhor, mesmo com grandes dificuldades, ele permaneceu fiel Àquele que o chamou. Ele recebeu o chamado para tirar o povo do Senhor da terra da escravidão. Para isso, deveria enfrentar o Faraó como um mensageiro do Senhor.

Moisés, fala com o Senhor. E o próprio Deus o envia para libertar seu povo da escravidão que vivia no Egito, “vai, pois, e eu te enviarei ao Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os israelitas” (Ex. 3,10). Desse modo, o Senhor convida Moisés a cuidar do povo de Israel.

Deus que fala, que o convida a cuidar novamente do povo de Israel, Moisés opõe os seus receios e as suas objeções: não é digno daquela missão, não conhece o nome de Deus, os israelitas não acreditarão nele, tem uma língua que gagueja... E assim muitas objeções. A palavra que floresce mais frequentemente nos lábios de Moisés, em cada oração que dirige a Deus, é a pergunta: “Porquê?”. Por que me enviastes? Por que quereis libertar este povo?¹⁴

Moisés faz diversas objeções a Deus. Pois, como muitos, ele apresenta apenas os seus defeitos ou suas limitações. Mesmo com todas essas objeções, não deixa de ouvir o chamado de Deus. Vai ao encontro do povo para anunciar aquilo que o Senhor o havia mandado, tendo em vista a libertação de Israel, da casa da escravidão no Egito, sob a opressão do Faraó que lhes castigavam com duros trabalhos.

Após muitas calamidades atingirem o Egito, o Faraó deixa o povo partir. E eles “saíram sem demora da cidade de Ramsés”¹⁵. Após a libertação do Egito, Deus faz a aliança com todo o Israel, entregando-lhes, por mediação de Moisés, as tábuas da Lei. Contudo, mesmo depois de tudo isso, o povo presta culto a outros deuses. Moisés, então, intercede pelo povo a Deus. Ele é “o servo de ambos”¹⁶, de Deus e do Povo, por isso “não nega a Deus ou ao povo. E diz a Deus: ‘Este povo cometeu um grande pecado: fez para si mesmo um deus de ouro. Rogo-vos que lhe perdoeis este pecado! Caso contrário, apagai-me do livro que escrevestes!’ (Ex 32, 31-32). Moisés não permuta o povo. Ele é a ponte, ele é o intercessor”¹⁷. Moisés conclui a sua missão sem entrar na terra prometida, mas, ao menos, sabemos que ele vê a terra com seus olhos.

¹⁴ FRANCISCO. Audiência Geral. Quarta-feira 17 de junho de 2020. Catequese 7: A Oração de Moisés. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200617_udienza-generale.html. Acesso em: 15 Ago. 2021.

¹⁵ COMAY, 1998, p. 230.

¹⁶ BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento. São Paulo: Paulus, 2007, p. 158.

¹⁷ FRANCISCO. Catequese 7: A Oração de Moisés.

Algo interessante que podemos ressaltar da vida de Moisés é que o Senhor, muitas vezes, chama os fracos para confundir os fortes (Cf. 1Cor 1,27). Moisés tinha a boca e a língua pesada (Cf. Ex 4,10), assim sendo, poderia ser uma limitação em seu ministério, mas não foi isso que o impediu de cumprir com fidelidade a sua missão.

Outro personagem que também poderia ser considerado fraco ao ser chamado por Deus, é Davi (Cf. 1Sm 16). Davi é um pequeno pastor de ovelhas, mas que, posteriormente, se tornará modelo de rei para todo o Israel. “Em primeiro lugar David é um pastor: um homem que cuida dos animais, que os defende quando surge o perigo, que lhes dá o sustento. Quando David, por vontade de Deus, tiver que se preocupar pelo povo, não realizará ações muito diferentes destas”¹⁸.

Após o Senhor rejeitar Saul como rei, envia Samuel para ungir o novo rei de Israel. Mas, como o Senhor vê o coração, Ele faz com que Samuel, que queria ungir um rei pela sua aparência, ao se encontrar com Davi, lhe diz: “Levanta-te e unge-o: é ele!” (1Sm 16,12). O que até então era pastor de ovelhas, se torna agora, o ungido de Deus para governar seu povo. Antes mesmo de ser aclamado rei, Davi, já encontra o seu primeiro desafio, derrotar Golias, o gigante filisteu. Após isso, ele se torna “um chefe popular [...] mas sua crescente popularidade suscitou a inveja de Saul”¹⁹. Com isso, passa a sofrer grandes perseguições por parte do rei, que busca matá-lo. Mas como Deus o havia escolhido, ele não desiste do seu chamado. “Pensemos em David. Santo e pecador, perseguido e perseguidor, vítima e carníface, o que é uma contradição. David era tudo isto, ao mesmo tempo”²⁰.

A história de Davi é composta por diversos momentos de alegria, provação, dor etc. Mas, mesmo nos momentos difíceis, Davi conseguiu enxergar que Deus estava com ele. Um claro exemplo é quando toma a mulher de Urias, e o Senhor envia o profeta Natã para falar com Davi. “A parábola de Natã, provoca o auto-julgamento de Davi”²¹. Ele se arrepende e pede perdão ao Senhor com oração e jejuns, e também, é castigado com a morte de filho da “traição”, mas, em seguida, Deus o continua a olhar com bons olhos e o acompanhar em sua vocação até o final de seus dias.

O chamado de Jeremias (Cf. Jr 1, 4-19), talvez seja o mais intrigante, pois o Senhor o chama antes mesmo de o modelar no ventre materno. Não é possível saber quando foi feito esse

¹⁸ FRANCISCO. Audiência Geral. Quarta-feira 24 de junho de 2020. Catequese 8: A Oração de David. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200624_udienza-generale.html. Acesso em: 20 Ago. 2021.

¹⁹ MONLOUBOU, L.; BUIT, F. M. du., 1997, p. 179.

²⁰ FRANCISCO. Catequese 8: A Oração de David.

²¹ BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E., 2007, p. 341.

chamado, mas o que nos leva a compreender que deve ter sido bem cedo.²² “Ainda jovem recebeu a vocação profética. Não se sente atraído por ela. Como Moisés, sente medo, se considera incapaz e despreparado. Deus, porém, não admite escusas e pede-lhe a missão mais difícil: transmitir sua palavra nos anos cruciais e trágicos da história de Judá”²³. O profeta traz ao povo a Palavra do Senhor para o próprio povo. Mas, constantemente, o povo, rejeita essa Palavra. Desse modo, “se quiséssemos reunir numa só palavra sua mensagem, esta palavra seria conversão”²⁴. O profeta é o guardião do direito Divino, por isso busca constantemente a conversão do povo.

Em certo momento de sua vida, Jeremias se lamenta ao Senhor, ou seja, “queixa de seus sofrimentos a Deus e lhe pede auxílio”²⁵. A missão do profeta não foi fácil, sofreu diversas vezes por causa da palavra que anunciava, mas, nunca abandonou o chamado do Senhor, foi fiel até o fim.

Poderíamos, ainda, encontrar e elencar vários outros chamados entre os profetas e outros grandes homens no Antigo Testamento, entretanto, como já dissemos, a nossa intenção não é esgotar o assunto, mas mostrar como se dá, em diversos lugares, momentos, pessoas o chamado do Senhor.

1.2.2 O Chamado no Novo Testamento

O Chamado do Senhor não acontece somente no Antigo Testamento. No Novo Testamento, o Senhor continua a chamar, pessoalmente, diversas pessoas a segui-Lo. Nesse sentido, destacaremos aqui três chamados: o da Virgem Maria, o de São José e o do homem rico.

O chamado da Virgem Maria (Cf. Lc 1, 26-56), já é anunciado pelos profetas (Cf. Is 7,14) e aguardado ansiosamente por todo o Israel. Pois esperavam a libertação do seu povo, através do Messias, que viria da descendência de Davi. Com isso, “Maria personifica a filha de Sião, os pobres depositaram a sua confiança em Deus e dele esperam a salvação”²⁶.

²² Cf. BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E., 2007, p. 550.

²³ SICRE, 1994, p. 246-247.

²⁴ SICRE, 1994, p. 249.

²⁵ SCHREINER, J. Palavra e Mensagem: Introdução Teológica e Crítica aos Problemas do AT. São Paulo: Edições Paulinas, 1978, p. 264-265.

²⁶ MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodríguez. Introdução ao Estudo da Bíblia: Evangelho Sinóticos e Atos dos Apóstolos. Vol. 6. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2000, p. 323.

Acontece de forma inesperada o chamado de Maria. Estando, pois, prometida em casamento para José (Cf. Lc 1,27), o anjo lhe apareceu e disse: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!”, mesmo não sabendo o que o anjo queria dizer com essas palavras, Maria aguardou a mensagem do Anjo, que lhe anunciou a grande notícia, que seria a Mãe do Salvador. Conhecendo todas as leis vigentes da época, não estremeceu com o chamado do Senhor, ao contrário, “Maria aceita com o sim humilde e pobre”²⁷ sua missão. “Aquele que o Todo-Poderoso tornou ‘cheia de graça’ responde pela oferenda de todo seu ser: ‘Eis a serva do Senhor, Faça-se em mim segundo tua palavra’”. (CEC 2617)

A resposta pronta de Maria se dá por conhecimento da Palavra de Deus. Com isso, ela não pensa duas vezes em dar o seu sim.

Maria encontra-se em oração, quando o arcanjo Gabriel lhe vai levar o anúncio a Nazaré. O seu “Eis-me!”, pequeno e imenso, que naquele momento faz saltar de alegria toda a criação, na história da salvação tinha sido precedido por muitos outros “eis-me!”, por muitas obediências confiantes, por tantas disponibilidades à vontade de Deus.²⁸

O sim de Maria não é um sim estático, pois, no mesmo momento que recebe o chamado, ela, também recebe a notícia que “Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice” (Lc 1,36). Desse modo, “Maria pôs-se a caminho” (Lc 1,39) rumo a uma cidade da região montanhosa da Judeia, para servir sua prima. “Maria se coloca a caminho, como profetisa, levando a palavra da salvação e com ela a alegria diante da salvação messiânica: sua missão consistirá em servir sua prima necessitada”²⁹. Diante dessa realidade, podemos afirmar que toda vocação, também, é serviço. Nisso Maria é nosso modelo de resposta e serviço a Deus e aos irmãos, porque escuta o chamado de Deus, guarda a Sua Palavra, e a coloca em prática, a serviço dos irmãos. A vocação além do seu aspecto individual, do chamado, tem a sua dimensão comunitária, por meio da doação da vida para o bem e a salvação de todos.

Maria revela para nós o modelo de perseverança. Mesmo com todas as dificuldades encontradas ao longo de sua missão, sua confiança na palavra de Deus foi fundamental para que aceitasse o chamado. Nesse contexto, também brota o chamado de José esposo de Maria.

E aqui passamos, então, ao chamado de São José. São José é aquele que recebe um grande elogio, ser chamado de Justo, pelo evangelista Mateus (Cf. Mt 1,19). Ainda nesse

²⁷ MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodríguez, 2000, p. 323.

²⁸ FRANCISCO. Audiência Geral. Quarta-feira 18 de novembro de 2020. Catequese - 15. A Virgem Maria, mulher orante. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2020/documents/papa-francesco_20201118_udienza-generale.html. Acesso em: 12 Ago. 2021.

²⁹ MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodríguez, 2000, p. 323.

contexto, do chamado de Maria, José pensava em abandonar Maria em segredo, mas, eis que recebe o chamado do Senhor para ser “Pai” de Jesus. Então o Senhor Deus, através do anjo diz a José: “José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo” (Mt 1,20). Com esse anúncio, José acolhe Maria como sua esposa, sendo fiel ao chamado que o Senhor lhe fizera. “José é o símbolo do homem verdadeiramente justo, que coloca a vida acima da Lei”³⁰. Os desígnios de Deus na vida de José não terminam nesse episódio. Outras duas vezes lhe é pedido para fazer a vontade do Senhor, e então, ele, sem questionar, a faz.

Um segundo momento, no qual vemos José em obediência ao chamado de Deus, é quando o Senhor lhe pede para fugir com Maria e Jesus, “levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito. Fica lá até que eu te avise, porque Herodes procurará o menino para o matar” (Mt 2,13). Com isso, José não se questiona a vontade de Deus e, imediatamente, faz como lhe foi anunciado pelo Anjo.

O terceiro momento em que José acolhe o chamado de Deus, é quando Herodes morre e o anjo do Senhor aparece a José e lhe diz: “Levanta-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel, pois os que buscavam tirar a vida do menino já morreram” (Mt 2,20). Em todos os momentos que o Senhor fala com José, ele lhe é obediente. Esse seja, talvez, o motivo pelo qual foi chamado de justo e escolhido para ser pai adotivo de Jesus. José recebe com generosidade o chamado do Senhor, e o faz com integridade de coração.

Um último exemplo de chamado que vamos refletir, neste ponto, é o relato do “homem rico”³¹ (Cf. Mc 10, 17-22). Nesse chamado encontramos a cena do encontro de um jovem rico com o Senhor. Aqui, o Senhor, propõe um projeto de vida para alcançar a vida eterna, mas, para isso, depende da disponibilidade de cada um em dar a resposta. Nesse relato em que alguém se aproxima de Jesus perguntando o que é preciso fazer para alcançar a vida eterna, a resposta de Jesus é categórica, deve guardar os mandamentos. Mas a pessoa replica: “Mestre, tudo isso eu tenho guardado desde minha juventude” (Mc 10, 20). Nesse momento, Jesus volta-se para o jovem e chama-o à perfeição, ou seja, a realizar o plano de Deus em sua vida e lhe diz: “vai, vende o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me” (Mc 10,

³⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Ele Está no Meio de Nós: O Semeador do Reino – O Evangelho de Mateus. São Paulo: Paulus, 1998, p. 36.

³¹ Este é o termo utilizado na tradução da Bíblia de Jerusalém, em muitas traduções encontramos como o relato do jovem rico.

21). Com isso, Jesus o convida a ser seu discípulo e, “quando chama alguém para segui-lo, Jesus agarra-o todo, ataca-o no seu ponto mais fraco, por que Deus quer o homem todo”³².

O chamado à perfeição, por parte do jovem, não é bem compreendido. “Ele, porém, contristado com essa palavra saiu pesaroso, pois era possuidor de muitos bens” (Mc 10, 22). Segundo Raniero Cantalamessa, o jovem “bons motivos o tinha para essa tristeza. Fora amado, convidado por Jesus, recebera dele a silenciosa demonstração de amor, confirmada pelo olhar: ‘tendo-o fixado, amou-o’ (Mc 10,21)”³³.

O jovem acha muito duro o chamado à perfeição e, naquele momento, não aceita. “As riquezas obstaram a que aceitasse”³⁴. Nos Evangelhos, em especial os sinóticos³⁵ não dizem se posteriormente ele aceita o chamado de Jesus e volta atrás. O que se sabe é que houve esse encontro. Poderia ter sido lembrado, mas ao invés disso, desapareceu na história sem nem mesmo deixar seu nome³⁶. Nesse sentido, podemos dizer que este chamado não foi respondido pelo jovem, com isso, observamos o livre arbítrio, ou seja, ninguém é obrigado a aceitar o chamado, ele é feito individualmente, e cabe a cada um responder da melhor maneira possível.

Na Bíblia encontramos diversos outros chamados, uns respondidos e outros que não. Com isso, notamos que nem sempre é possível dizer que todos respondem ao chamado de Deus, da maneira como, assim, Ele o quer. Diversos são os motivos, porém, como é um chamado pessoal, a resposta, também, deve ser pessoal. Não podemos responder o chamado pelo outro, é uma decisão totalmente livre e generosa da própria pessoa.

Para isso, o Senhor nos deixa livres para optar pelo seu convite, ou como acontece em alguns casos, a negar esse convite. Desse modo, daremos um salto histórico, passaremos agora para os dias atuais. Não falaremos aqui da vida dos Santos, pois já consideramos que são para nós modelos de resposta a vontade de Deus. Por isso, passando para os dias atuais, nos vem uma pergunta, o Senhor ainda continua a chamar?

1.3 O CHAMADO HOJE, DEUS AINDA CHAMA?

Como foi supracitado, em nossos dias, podemos fazer a seguinte pergunta, será que Deus ainda continua chamando? Porque, para muitos, essa pergunta pode causar estranheza,

³² SCHNACKENBURG, Rudolf. O Evangelho Segundo Marcos: Mensagem e Comentário. Petrópolis: Editora Vozes, 1974, p. 92.

³³ CANTALAMESSA, Raniero. A Pobreza. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 44.

³⁴ CANTALAMESSA, 2014, p. 44.

³⁵ O Termo sinótico é usado para retratar os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas.

³⁶ Cf. CANTALAMESSA, 2014, p. 44.

principalmente a juventude que, parece não entender o que Deus quer deles, ou não escutam o Seu chamado, e ainda ficam se questionando se Deus os chama.

Nesse sentido, a primeira coisa a perceber é se esses jovens tiveram um encontro com Jesus. Sem esse primeiro passo não é possível continuar a caminhada. Quando não se ouve a voz do Senhor, torna-se difícil dar passos. Segundo o documento final do sínodo dos jovens na contemporaneidade, podemos classificar em quatro tipos a relação dos jovens com Jesus. Muitos reconhecem Jesus “como Salvador e Filho de Deus e com frequência sentem-se próximos d’Ele através de Maria, sua Mãe, comprometendo-se em um caminho de fé”³⁷. Alheios a esses jovens, existem aqueles que, “O encontraram através de uma forte experiência do Espírito”³⁸. Existem, também, aqueles jovens que, apesar de não manter uma relação pessoal com Cristo, “consideram-no um homem bom e uma boa referência ética.”³⁹ Por fim, os que consideram Jesus como “uma figura do passado, desprovida de relevância existencial ou muito distante da experiência humana”⁴⁰. Analisando esses quatro tipos de jovens, devemos nos deixar ser interpelados por qual maneira eficaz se fazer ressoar aquele mandato de Jesus aos discípulos que se faz tão atual “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). O Evangelho deve ser anunciado, em especial, aos jovens para que tenham verdadeiramente um encontro pessoal com o Senhor.

Além da falta de conhecimento do Senhor, ou mesmo, do encontro pessoal com Ele, no sínodo dos jovens, foi levantado algumas razões para essa problemática do distanciamento. E um dos pontos abordados foi o de que, alguns, por serem indiferentes a Igreja, outros, por acharem irritante ou inoportuna, ou ainda, por causa dos ministros ordenados, que não dão a devida atenção e acolhida, desse modo, os jovens não se sentem convidados a participar ativamente na vida da Igreja.

O Sínodo está ciente de que um número consistente de jovens, pelos motivos mais variados, nada pede à Igreja, porque não a consideram significativa para a sua existência. Aliás, alguns pedem-lhe expressamente para ser deixados em paz, uma vez que sentem a sua presença como importuna e até mesmo irritante. Muitas vezes este pedido não nasce dum desprezo acrítico e impulsivo, mas mergulha as raízes mesmo em razões sérias e respeitáveis: os escândalos sexuais e económicos; a falta de preparação dos ministros ordenados, que não sabem reconhecer de maneira adequada a sensibilidade dos jovens; pouco cuidado na preparação da homilia e na apresentação da Palavra de Deus; o papel passivo atribuído aos jovens no seio da comunidade cristã.⁴¹

³⁷ SÍNODO DOS BISPOS XV Assembleia Geral Ordinária. Os Jovens, A Fé e o Discernimento Vocacional: Documento Final Carta aos Jovens. São Paulo: Paulinas, 2019, n. 50.

³⁸ SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 50.

³⁹ SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 50.

⁴⁰ SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 50.

⁴¹ SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 53.

Nesse sentido, é necessário, primeiramente, promover uma reaproximação desses jovens na Igreja. Quando afastados, não podem ouvir a voz de Deus. Com isso, depois dessa reaproximação, é possível fazer com que eles progressivamente se sintam interpelados pela Sagrada Escritura, e assim, gere automaticamente uma atração, ou seja, um elo de amizade entre Deus e o jovem. “Os jovens sentem-se fascinados pela aventura de uma gradual descoberta de si mesmos. [...] Precisam, porém, ser ajudados a unificar as variadas experiências e a interpretá-las em uma perspectiva de fé, superando o risco de dispersão e reconhecendo os sinais com que Deus lhes fala”⁴².

Mesmo com todos esses empecilhos, Deus tem seus modos de chamar e de agir. Pois,

Nos desígnios de Deus, cada homem é chamado a desenvolver-se, porque toda a vida é vocação. É dado a todos, em germe, desde o nascimento, um conjunto de aptidões e de qualidades para as fazer render: desenvolvê-las será fruto da educação recebida do meio ambiente e do esforço pessoal, e permitirá a cada um orientar-se para o destino que lhe propõe o Criador.⁴³

Ainda nesse sentido, de que cada vida é uma vocação, Bento XVI diz que, para entendermos o chamado, é necessário que estejamos em diálogo com Deus através de Sua Palavra. Isso porque a

Palavra chama cada um em termos pessoais, revelando assim que a própria vida é vocação em relação a Deus. Isto significa que quanto mais aprofundarmos a nossa relação pessoal com o Senhor Jesus, tanto mais nos damos conta de que Ele nos chama à santidade, através de opções definitivas, pelas quais a nossa vida responde ao seu amor, assumindo funções e ministérios para edificar a Igreja.⁴⁴

Assim sendo, é preciso que, na Igreja, “a partir da consciência batismal dos seus membros, se desenvolvam uma verdadeira cultura vocacional e um incessante compromisso de oração pelas vocações”⁴⁵. Desse modo, através desse empenho de todos, entenderemos o que nos diz a Constituição pastoral *Gaudium Et Spes*, “Cristo [...] revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime” (GS 22)⁴⁶.

Com essa aproximação entre o jovem e Deus, começa, então, uma melhor intimidade, e a partir daí, pode-se gerar questionamentos sobre a sua vocação. Sendo assim, muitos sentem

⁴² SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 77.

⁴³ S. PAULO VI. Carta Encíclica *Populorum Progressio*. São Paulo: Edições Paulinas, 1967, n. 15.

⁴⁴ BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*. São Paulo: Paulinas, 2011, n. 77.

⁴⁵ SÍNODO DOS BISPOS, 2019, p. 70.

⁴⁶ Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*: Sobre a Igreja no Mundo Hoje. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997, n. 22. Doravante citada através da sigla GS.

dificuldades na hora do discernimento e na resposta, por não saber o que fazer diante das dificuldades enfrentadas.

São muitos Jovens que se questionam sobre vocação. São muitos, também que não sabem o que fazer da própria vida, diante dos desafios que experimentam. Uns se precipitam em suas decisões e depois ficam lamentando escolhas malfeitas, outros pensam e relutam teimosamente contra a ideia de ser vocacionado, mas depois acabam aceitando e cultivando alegremente esse amor escondido.⁴⁷

Para nós, “uma coisa é clara: Deus continua chamando hoje como ontem, tocando e cutucando o coração e a cabeça de muitos jovens”⁴⁸. Se Deus chama, podemos nos questionar, como tão poucos jovens respondem, ou buscam responder a esse chamado? Depois de cultivada a amizade com Cristo, consegue-se ouvir o chamado de Deus a uma vocação, mas nem sempre, esses mesmos jovens, estão dispostos a responder. Hoje, falta nos jovens que tenham coragem de arriscar a sua vida, e optam em deixar tudo e seguir o Senhor (Cf. Mc 8,35; Lc 9, 23), como diz Santo Afonso, “é preciso deixar tudo para ganhar tudo”⁴⁹. Quando o jovem permite com que seja interpelado pelo Senhor, e se entrega totalmente à Sua vontade, esse ganha mais do que necessita e reconhece a bondade do Senhor em sua vida, alcançando, assim, a felicidade.

Existem ainda outros aspectos que podem influenciar a resposta vocacional. Muitos jovens dos nossos dias, não tem maturidade suficiente para responder a esse chamado, seja por questões psicológicas, seja por problemas na dimensão de imaturidade, ou ainda, por questões afetivas. Pois na sociedade moderna em que estamos, constatamos que o Senhor chama a cada um de nós, mas, será que estamos prontos para responder de forma generosa a esse chamado? Desse modo, temos grandes problemas no sentido vocacional de nossos jovens. Os jovens devem assumir a sua vocação, e serem constantes nessa decisão, a fim de que, assim, tenham o coração preenchido pela gratidão em responder a vocação.

Contudo, esses outros problemas que atrapalham o discernimento dos jovens, no que se refere a vocação, ou ainda, os problemas que não os deixam ouvir a voz do Senhor os chamar, abordaremos no próximo capítulo. Sendo assim, poderemos conhecer, mais a fundo, a realidade enfrentada pelos jovens de hoje, para que, busquemos possibilidades de ajudá-los na busca de sua vocação, ou melhor, de alcançar a santidade.

⁴⁷ CIGOÑA, J. Ramón F. de la. *Acompanhamento Vocacional: um Caminho*. São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 22.

⁴⁸ CIGOÑA, 1994, p. 22.

⁴⁹ LIGÓRIO, Afonso Maria de. *A prática do amor a Jesus Cristo*. 7. ed. Aparecida: Editora Santuário, 1996, p. 136.

2 OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS JOVENS NO PROCESSO DE DISCERNIMENTO AO CHAMADO

*Se alguém quer vir após mim,
negue-se a si mesmo,
tome sua cruz e siga-me
Mt 16,24*

Apresentamos, anteriormente, uma visão geral da perspectiva do chamado nas Sagradas Escrituras, e como esse necessita de uma resposta para se concretizar. Por não se tratar de uma imposição, é preciso que haja uma resposta à altura desse chamado.

Quando percorremos tanto o Antigo Testamento quanto o Novo Testamento, encontramos, de diversas formas, exemplos de chamados, os quais podemos dizer que, em quase todos, a resposta foi correspondente ao chamado. Mas, no último caso apresentado, o do moço rico, algo nos chama a atenção: ele não responde ao chamado e se mostra triste por não ter condições de responder. Por fim, encerramos dizendo que Deus continua a chamar.

Agora, no presente ponto, abordaremos algumas perspectivas que encontramos nos jovens que, atualmente, atrapalham em suas respostas, ou até mesmo, os fazem não querer responder ao chamado que Deus lhes faz. Desejamos apresentar aqui algumas questões, que julgamos mais recorrentes nos jovens, que procuram o discernimento da vontade de Deus em sua vida, o qual denominamos chamado.

2.1 A DIFICULDADE DA RENÚNCIA

Na atualidade, vivemos em uma sociedade que supervaloriza o eu, ou seja, uma sociedade narcisista, na qual cada um está preocupado consigo próprio, onde o outro é tido como ameaça, um concorrente. Sendo assim, não se torna fácil enfrentar um discernimento vocacional, pois, para isso, é necessário a renúncia primeiramente do próprio eu e de seus projetos, para viver um projeto que vai muito além daquilo que se pode ver, ou mesmo se imaginar.

Descobrir o verdadeiro sentido da vida, ou melhor, sua vocação, não é uma tarefa fácil para a maioria dos jovens, mas, só assim, se pode entender verdadeiramente a sua missão. No contexto de busca de sentido, Viktor Frankl, que é o criador da logoterapia, faz uma colocação interessante:

Não se deveria procurar um sentido abstrato da vida. Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida; cada um precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir realização. Nisto a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida. Assim, a tarefa de cada um é tão singular como a sua oportunidade específica de levá-la a cabo.⁵⁰

A partir de Frankl, pode-se entender que, muitas vezes, busca-se um sentido abstrato da vocação. Mas, em vez disso, o jovem, deve buscar de forma simples e concreta esse sentido de sua vocação, compreendendo, assim, o sentido de sua vida. Desse modo, para fazer essa descoberta é preciso, antes, questionar-se sobre a sua relação com Deus. Sem este questionamento não se pode entender o que Deus quer de cada um. Após interrogar-se, entende-se o bem que Deus quer a cada um, e, só posteriormente, pode aos poucos ir entendendo o como trabalhar, ou melhor, quais os passos que devem ser dados para que responda, de forma concreta, ao chamado específico a qual todos são destinatários.

Este bem desejado por Deus a cada um de nós, podemos assim chamá-lo de Chamado universal⁵¹, ou seja, o mesmo chamado é feito a todos: “Deveis ser perfeitos como vosso Pai Celeste é perfeito” (Mt 5,48). A perfeição a que somos chamados é o que podemos classificar como vocação universal a santidade. “A santidade não é algo extraordinário, mas a consequência ordinária do amadurecimento da alma”⁵². Nesse sentido, João Paulo II liga a santidade ao batismo que todos recebemos. Segundo ele, é uma realidade que não é possível separar, pois todo cristão ao receber o batismo tem o dever de buscar a santidade.

O Batismo é um verdadeiro ingresso na santidade de Deus por meio da inserção em Cristo e da habitação do seu Espírito, seria um contra-senso contentar-se com uma vida medíocre, pautada por uma ética minimalista e uma religiosidade superficial. Perguntar a um catecúmeno: “Queres receber o Batismo?” significa ao mesmo tempo pedir-lhe: “Queres fazer-te santo?”. Significa colocar no seu caminho o radicalismo do Sermão da Montanha: “Sede perfeitos, como é perfeito vosso Pai Celeste” (Mt 5,48).⁵³

O batismo convida todos a serem testemunhas de Cristo, ou seja, pelo batismo, todo cristão é chamado a ser santo. E para isso, é preciso fazer a vontade do Criador, de modo integral, e que haja uma resposta consistente e concreta. Nesse sentido, não se pode destoar o chamado universal do chamado particular. Porque, para viver tudo isso, é preciso ter uma vida

⁵⁰ FRANKL, Viktor E. *Em Busca de Sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Editora Vozes, 1991, p. 98.

⁵¹ Aqui colocamos chamado universal à santidade como primeiro, mas não no sentido literal. O primeiro chamado que é feito a cada um dos homens é o chamado à Vida. O sentido de colocar o chamado a santidade como primeiro é no contexto da salvação, pois, a santidade nos leva a salvação, e a vocação é o meio mais seguro para alcançá-la.

⁵² CIFUENTES, Rafael Llano. *Sacerdotes para o Terceiro Milênio*. Aparecida: Editora Santuário, 2009, p. 29.

⁵³ S. JOÃO PAULO II. Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*. São Paulo: Paulinas, 2005, n. 31.

de renúncia, ou melhor, não ter apegos. É preciso estar despojado de tudo. Somente, assim, poderá viver plenamente a vocação. Daí podemos nos perguntar: Como ser desapegado em um mundo que constantemente me convida aos apegos da vida, às paixões desordenadas, a não renunciar, e, por isso, me prende a dar uma verdadeira resposta a essa vocação cristã? Essa deve ser a pergunta de muitos.

Na atualidade, “os atrativos externos que o mundo oferece hoje – ainda mais como efeito da globalização – e que acabam rivalizando com a religião. Coisas tais como baladas, sexo, drogas, futebol e culto ao corpo nas academias soam hoje como mais atrativas aos jovens do que a religião”⁵⁴. Com todos esses atrativos oferecidos pelo mundo, cada vez mais, encontramos jovens fragmentados e que vivem uma dualidade interna e não sabem como resolver esse conflito. Amedeo Cencini vai tratar isso como culpa inconsciente. Segundo ele, essa culpa “é a lógica do não podendo fazer de outra maneira, me roerei por dentro”⁵⁵. Isso faz com que, cada vez mais, nos deparamos com jovens, dentro das Igrejas e na sociedade, de modo fragmentado, pois o mundo é completamente oposto ao que é anunciado. Sendo assim, esse “choque” é sentido pela própria pessoa, de modo que, ela, já não consegue ter uma imagem real de si mesma.

A Igreja como “mãe e mestra”⁵⁶ deve ajudar esses jovens a compreender sua vida como uma unidade entre fé e mundo, ou seja, fé e vida. Para isso, vale recordarmos parte do discurso do Papa João XXIII na abertura do Concílio Vaticano II, o qual diz que o “espírito cristão, católico e apostólico do mundo inteiro espera um progresso na penetração doutrinal e na formação das consciências; é necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo.”⁵⁷

Sendo assim, é necessário que a Igreja ajude o jovem a compreender o sentido de sua vida, no que diz respeito a razão e a fé. O Papa Francisco, em sua exortação apostólica *Gaudete et Exultate*, diz-nos que é necessário o discernimento, pois, atualmente, temos muitas possibilidades de distrações e, sem sabedoria do discernimento, podemos ser marionetes à mercê das tendências e ocasiões que o mundo oferece.

⁵⁴ KIEFER, Alex. Juventude Cristã e os Desafios da Modernidade. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1286519/2018/08/juventude-crista-e-os-desafios-da-modernidade>. Acesso em: 07 Set. 2021.

⁵⁵ CENCINI, A. Viver Reconciliados: aspectos psicológicos. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 32.

⁵⁶ Termo utilizado por João XXIII em sua Carta Encíclica *Mater et Magistra* em 1961.

⁵⁷ S. JOÃO XXIII. Discurso do Papa João XXIII na Abertura Solene do Concílio: 11 de outubro de 1962. In: Documentos de Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

Tornou-se particularmente necessária a capacidade de discernimento, porque a vida atual oferece enormes possibilidades de ação e distração, sendo-nos apresentadas pelo mundo como se fossem todas válidas e boas. Todos, mas especialmente os jovens, estão sujeitos a um *zapping* constante. É possível navegar simultaneamente em dois ou três visores e interagir ao mesmo tempo em diferentes cenários virtuais. Sem a sapiência do discernimento, podemos facilmente transformar-nos em marionetes à mercê das tendências da ocasião.⁵⁸

Compreendendo melhor essas situações e gozando das ferramentas necessárias para uma boa escolha do caminho, o jovem pode dar passos no sentido da busca da santidade. Somente após entender que a sua vocação batismal é ser santo, o cristão, ou melhor, o jovem poderá ser mais livre em todos os aspectos. E a partir disso, ele estará disposto a renunciar os seus planos e metas pessoais, por um plano ainda maior, ou seja, os Planos de Deus.

Contudo, é necessário que o jovem entenda o verdadeiro sentido de sua vida, ou ainda, qual o plano de Deus para a sua vida. Somente assim, ele vai conseguir desapegar, fazer escolhas coerentes com seu chamado e, conseqüentemente, dar uma resposta que seja firme e madura. Desse modo, poderá livremente deixar o que, muitas vezes, é considerado como um bem para si, para buscar aquele Bem pensado por Deus.

2.2 A IMATURIDADE

Para falarmos propriamente de imaturidade, antes precisamos ter claro em nossa mente o conceito de maturidade. No dicionário da língua portuguesa, maturidade pode ser definida como “estado em que há madureza, amadurecimento.”⁵⁹ Ainda, se tratando de maturidade, Gaston de Mézerville faz uma importante contribuição. Segundo ele, “a pessoa madura é aquela que, considerada em determinado sentido de sua vida, vai desenvolvendo um sadio senso de identidade, um cálido senso de pertença e fraternidade com seus semelhantes e um sólido senso de missão como sentido da própria existência”⁶⁰. Contudo, bem sabemos que nem sempre uma pessoa adulta é madura o suficiente para enfrentar seus problemas e tomar suas decisões, pois a maturidade não é um aspecto que chega automático juntamente com a idade. Segundo uma matéria do jornal O Globo, uma pesquisa realizada pelo *National Institute of Mental Health*

⁵⁸ FRANCISCO. Exortação Apostólica *Gaudete Et Exsultate*. São Paulo: Paulinas, 2018, n. 167.

⁵⁹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Maturidade. In: Mini Aurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

⁶⁰ MÉZERVILLE, Gaston de. Maturidade Sacerdotal e Religiosa: A Vivência da Maturidade. São Paulo: Paulus, 2000, p. 32.

(Instituto Nacional de Saúde Mental)⁶¹ diz que a maturidade humana que se acreditava, de acordo com neurocientistas, se chegar aos dezesseis anos, hoje está sendo aos vinte e cinco anos.

Uma nova pesquisa, feita com 5 mil adolescentes e patrocinada pelo *National Institute of Mental Health*, mostra que o cérebro só chega a maturidade aos 25 anos. Antes deste levantamento, neurocientistas acreditavam que esta maturidade acontecia por volta dos 16. O diretor do estudo, o médico Jay Giedd, explica que, enquanto o cérebro está amadurecendo, há mudanças significativas em áreas que controlam as emoções e as funções cognitivas. Há também transformações impactantes no sistema límbico, fazendo com que os jovens ajam sempre mais emocionalmente do que racionalmente.⁶²

Ainda segundo a mesma pesquisa, “até os 25 anos, fica difícil responder questões como 'o que vou fazer da minha vida' justamente porque a parte que controla os impulsos emocionais ainda está se desenvolvendo.”⁶³ Com isso, o que vemos é a protelação em decisões que antes eram tomadas ainda na juventude, ou seja, até por volta dos 20 anos.

A partir dessa perspectiva, podemos entender a Maturidade, como nos apresenta Stefano Fiore e Tullo Goffi: “A “maturidade humana” deve ser entendida como a plenitude consciente de todas as qualidades físicas, psíquicas e espirituais, bem harmonizadas e integradas entre si”⁶⁴. Só chegando à plenitude de todos estes critérios poderemos compreender a pessoa como madura, ou seja, não se define maturidade humana pela idade, mas por uma plenitude e harmonização das qualidades físicas, psíquicas e espirituais. Existe ainda outro tipo de maturidade que nos toca, a maturidade espiritual, o jovem pode ser maduro humanamente falando, mas se não existe uma maturidade espiritual, esse não consegue dar passos na sua vida espiritual.

De acordo, ainda, com Stefano Fiore e Tullo Goffi, a maturidade espiritual se chega por meio de um desenvolvimento integral do homem, portanto, um ordenamento psicoafetivo que resulta numa busca por uma vida cristã que se assemelhe a Cristo.

A maturidade psicoafetiva, segundo os recentes documentos do magistério eclesial, deve ser considerada como a meta dos esforços pessoais e sociais para conseguir com êxito o desenvolvimento integral do homem; como premissa de um vigoroso desenvolvimento espiritual, isto é, da consecução desta maturidade de vida cristã, a mesma a que são Paulo exortava os efésios a que chegassem procurando atingir a

⁶¹ Tradução livre.

⁶² O Globo. Especialistas tentam explicar por que os jovens estão demorando tanto a amadurecer. 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/especialistas-tentam-explicar-por-que-os-jovens-estao-demorando-tanto-amadurecer-2960483>. Acesso em 20 Set. 2021.

⁶³ O Globo, 2011.

⁶⁴ FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo. Maturidade. In: Dicionário de Espiritualidade. São Paulo: Edições Paulinas, 1989, p. 719.

dimensão do homem maduro segundo “a medida da estatura da plenitude de Cristo” (4,13).⁶⁵

Após entendermos as definições sobre maturidade humana e espiritual, podemos classificar alguns critérios existentes para avaliar a maturidade humana. Neste contexto, os quatro critérios apresentados por Stefano Fiore e Tullo Goffi para avaliarmos são:

- A capacidade de adaptar-se a determinadas condições, modificações e responsabilidades no contexto social em que se pode encontrar o indivíduo.
- A capacidade para cooperar com seus semelhantes e para subordinar-se aos planos de uma autoridade o âmbito familiar e social.
- A capacidade de especializar-se e, portanto, de ter confiança nos próprios recursos pessoais em determinado campo de ação.
- A capacidade de enfrentar de maneira realista os problemas da vida com o autocontrole adequado dos próprios impulsos.⁶⁶

Com esses critérios, torna-se mais claro como podemos notar na pessoa os aspectos de personalidade, a qual é representada, de forma esquemática, no perfil psicológico de uma pessoa madura. Contudo, devemos ressaltar que esses parâmetros não querem dizer da totalidade da pessoa, são, apenas, parâmetros fornecidos para uma melhor compreensão da maturidade humana.

Podemos elencar algumas causas para a imaturidade, contudo, sabemos que a vida é um processo de crescimento e integração, pois, esse, no decorrer, pode ficar truncado. Desse modo, a pessoa pode sofrer em alguma das fases de sua vida uma paralisação no seu desenvolvimento dos afetos e ficar estagnado em uma etapa de transição, sem chegar à maturidade. Pois, uma pessoa adulta pode tranquilamente ter ficado estagnada e sua vivência afetiva ser comparada à de uma criança de dez anos. “A idade psicológica não corresponde à idade cronológica. Por isso, podemos dizer que nem todos os adultos são adultos, como nem todos os menores são menores”⁶⁷.

Podemos nos perguntar como acontece esse processo de estagnação da idade afetiva, ou melhor, o motivo da imaturidade pode ser analisado de duas formas, a primeira por “uma falha mais ou menos séria no desenvolvimento que poderá fazer com que fortes impulsos não reconhecidos na consciência entrem em conflito com a vontade”⁶⁸, por outro lado, a fixação em continuar criança, ou seja, não querer crescer.

⁶⁵ FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo, 1989, p. 719.

⁶⁶ FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo, 1989, p. 723.

⁶⁷ CIFUENTES, 2009, p. 104.

⁶⁸ FERRAZ, Eduardo Pedreira do C. Pastoral e Orientação Vocacional: Uma Proposta Psicopedagógica. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 46.

A imaturidade deve-se, em muitos casos, a essa “fixação retrograda” numa determinada época da vida – infância, adolescência, primeira juventude... – que retarda o desenvolvimento normal da personalidade. Um adulto acriançado, que se encontre, imaginemos, na faixa dos trinta anos, continuará a procurar a solução dos seus problemas de adulto por meio de recursos infantis, ou seja, procurará, por um procedimento pueril, infantilizado, resolver conflitos que só podem ser superados de maneira adulta.⁶⁹

Contudo, devemos lembrar que a maturidade é uma virtude que deve ser buscada e renovada, pois, caso não seja vista dessa forma, pode estagnar e até mesmo retroceder. Todos os homens estão sujeitos a fenômenos ligados a infância e adolescência, sendo assim, se a vida se tornar morna, ou seja, monótona, pode voltar a arder aquele desejo da adolescência. Ao ser dominado por esses desejos, pode surgir a necessidade de satisfazer o prazer imediato que seu íntimo tanto anseia. Desse modo, muitos, depois de velhos, podem perceber que continuam ainda com os mesmos desejos imediatistas de uma criança, que vai com a mãe ao mercado e quer o brinquedo naquele momento.⁷⁰

Bem se sabe que, essa imaturidade, pode gerar certa dependência de algo ou ainda de alguém. Nesse sentido, podemos entender como situação “típica de quem sente necessidade de um certo objeto que sabe não possuir intrinsecamente nem poder buscar sozinho com os próprios meios.”⁷¹ Podemos, ainda, dizer que, essa pessoa, se sente pobre de afetos e começa a achar que essa fome de afetos só pode ser saciada externamente. Em consequência a tudo isso, ela tornar-se-á dependente de afetos e isso implica na busca de prazeres, ou ainda coisas que lhe apeteçam.⁷² Claramente se nota isso nas crianças, nelas os sinais de imaturidade são mais visíveis. “A criança quer o que é bonito; o que se apresenta como vistoso; o que lhe dará um prazer novo... Não pode esperar; quer agora”⁷³.

Em nossos tempos, talvez, muitos jovens e até mesmo adultos experimentam de algo que já não é tão novo. E poderíamos dizer que estaríamos vivenciando um fenômeno que se chama “adolescência retardada”, a qual seria, nada mais que, a demasiada necessidade de chamar a atenção ou atrair a simpatia dos outros para si, em uma obstinação até mesmo infantil de se prender a sua própria opinião. “A forma contestatória e crítica de agir, a necessidade de chamar atenção manifestam-se em modos de proceder diferentes, originais, chocantes”⁷⁴.

⁶⁹ CIFUENTES, 2009, p. 104.

⁷⁰ Cf. CIFUENTES, 2009, p. 103-108.

⁷¹ CENCINI, Amedeo. Com Amor: Liberdade e Maturidade Afetiva no Celibato Consagrado. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 70-71.

⁷² Cf. CENCINI, 1997, p. 71.

⁷³ CIFUENTES, 2009, p. 105.

⁷⁴ CIFUENTES, 2009, p. 106.

Como podemos, em um mundo tão voltado para o prazer, fazer que nossos afetos ou nossos sentimentos não sejam direcionados a uma compensação, assim como a criança que se comporta de modo exemplar para receber seu prêmio?

Numa época como a nossa, em que o prazer, em diferentes níveis, está ao alcance das mãos e sem nenhuma inibição, tem-se como certo – e aí está o engano irracional – que também a sede de afeto poderá igualmente ser gratificada, como se fosse uma brincadeira, libertando talvez o amor de seus assim chamados <<falsos pudores>>. [...] será mesmo verdade que encontramos mais amor quando podemos fazê-lo à vontade? Acontece justamente o contrário: quanto mais brincamos com o amor, menos o encontramos.⁷⁵

Segundo Cifuentes, no aspecto da imaturidade existe ainda um chamado “analfabetismo afetivo”, o qual impede o homem de assimilar o “bê-a-bá” das relações entre homens e mulheres, mas que em vez de ficarmos lamentando deveríamos realizar a tarefa de reeducação entrando no “mobral”⁷⁶ da afetividade. Em vez de perder tempo com sentimentalismos devemos lutar.⁷⁷

É significativo verificar como essa imaturidade parece ser uma característica da atual geração. No nosso mundo, atualmente técnico e cheio de avanços científicos, pouco se tem progredido no conhecimento das profundezas do coração, e daí resulta aquilo que Alexis Carrel, prêmio Nobel de Fisiologia, apontava no seu célebre trabalho, O homem esse desconhecido: “Vivemos hoje o drama de um desnível gritante entre o fabuloso progresso técnico e científico e a imaturidade quase infantil no que diz respeito aos sentimentos humanos”.⁷⁸

Para superar a imaturidade e atingir uma maturidade afetiva é necessário reconhecer e ter a consciência do lugar central do amor na existência humana, pois só o amor pode gerar um compromisso que abrace a pessoa integralmente.

Trata-se de um amor que compromete a pessoa inteira, nas suas dimensões e componentes físicas, psíquicas e espirituais, e se exprime no "significado nupcial" do corpo humano, graças ao qual a pessoa faz entrega de si mesma a outra e a acolhe. Para a compreensão e realização desta "verdade" do amor humano, tende a educação

⁷⁵ CENCINI, 1997, p. 72.

⁷⁶ Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização foi criado como fundação em dezembro de 1967, pela Lei nº 5.379. Vinculado ao Ministério da Educação, ele tinha por objetivo ocupar os espaços de alfabetização e educação de adultos anteriormente preenchidos por programas ligados aos movimentos sociais ou ao governo derrubado em 1964. Projeto condizente com a proposta ideológica do regime militar, o MOBREAL se propunha a alfabetizar 11.4 milhões de adultos até o ano de 1971. No entanto, a fundação começou a funcionar de fato somente em setembro de 1970, com recursos oriundos da Loteria Esportiva e do Imposto de Renda. O Mobral organizava-se nos níveis federal, estadual e municipal através de comissões mobilizadoras que viabilizavam os recursos necessários, inclusive a mão de obra, e buscavam o público a ser alfabetizado. Em novembro de 1985, já no governo civil de José Sarney, a Fundação Mobral foi extinta.

⁷⁷ Cf. CIFUENTES, 2009, p. 107-109.

⁷⁸ CIFUENTES, 2009, p. 109.

sexual rectamente entendida. Efetivamente, devemos dar-nos conta de uma situação social e cultural difundida "que 'banaliza' em grande parte a sexualidade humana porque a interpreta e a vive de modo redutor e empobrecido, relacionando-a unicamente com o corpo e com o prazer egoísta". Frequentemente as próprias situações familiares, de onde provêm as vocações sacerdotais, revelam a este respeito não poucas carências, e por vezes até graves desequilíbrios.⁷⁹

Com isso, se faz necessário chegar a um nível de maturidade dos afetos que traz consigo as formas de amor fraterno e amor sponsal, ou melhor, significa que o amor deve ser cultivado em nosso cotidiano até o fim.

Isso significa cultivar o amor em qualquer momento da vida, educar e reeducar a afetividade em todas as etapas em que nos encontrarmos [...]. O maior de todos os amores se desmoronará se não for aperfeiçoado e renovado diariamente. Empenho que, na vida diária, se traduz no esforço por esmerar-se na realização das pequenas coisas, por amor de Deus – à semelhança do trabalho do ourives feito com filigranas delicadamente entrelaçadas –, na tarefa de aprimorar o trato mútuo das nossas relações com Deus e com os nossos irmãos e, especialmente, em renovar, no pequeno e no grande, o compromisso de uma fidelidade [...]. Atitude que exige perseverança, qualidade que não goza dos favores de uma sociedade hedonista e permissivista, inclinada sempre aos gostoso e prazeroso.⁸⁰

Sendo assim, observamos que existem diversos motivos para a imaturidade humana, ou seja, não é um único foco, mas esses diversos modos, se observados e entendidos, podem claramente ser superados. Isso, primeiramente, deve brotar da pessoa uma vontade de mudança, ou mesmo, de superação dos próprios limites e possíveis falhas. Assim, será possível, a todos, chegar a uma maturidade de modo com que possam ser “independentes”, ou seja, uma pessoa madura.

2.3 A FAMÍLIA

Sabemos que a família tem função vital para a sociedade e, a Igreja, nunca cansa de exaltar os seus valores, ou melhor, ressalta sua missão dentro do âmbito vocacional e da sociedade.

A família possui vínculos vitais e orgânicos com a sociedade, porque constitui o seu fundamento e alimento contínuo mediante o dever de serviço à vida: pois é da família os cidadãos e na família encontram a primeira escola daquelas virtudes sociais, que são a alma da vida e do desenvolvimento da mesma sociedade. Assim por força da

⁷⁹ S. JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sobre a Formação dos Sacerdotes *Pastoris Dabo Vobis*. São Paulo: Paulinas, 2009, n. 44. Doravante citada através da sigla PDV.

⁸⁰ CIFUENTES, 2009, p. 114.

sua natureza e vocação, longe de fechar-se em si mesma, a família abre-se às outras famílias e à sociedade, assumindo a sua tarefa social.⁸¹

Nesse contexto, a estruturação da sociedade depende da família, mas na atualidade encontramos diversos tipos de famílias, ou ainda, pseudo famílias, isso causa um grande abalo no contexto da educação familiar e dos valores. Com isso, cada dia mais se perde aqueles valores familiares outrora bravamente defendidos.

Desse modo, a “situação histórica em que vive a família apresenta-se, portanto, como um conjunto de luzes e sombras” (FC 6). Esse contexto familiar, juntamente com a mudança antropológica-cultural, influencia todos os aspectos da vida humana e requer uma abordagem de modo analítica e diversificada.

Nem a sociedade em que vivemos nem aquela para onde caminhamos permitem a sobrevivência indiscriminada de formas e modelos do passado. Mas estamos cientes da orientação antropológico-culturais, em virtude das quais os indivíduos são menos apoiados do que no passado pelas estruturas sociais na sua vida afetiva e familiar.⁸²

Em contraponto, devemos considerar na família o crescente perigo do individualismo exagerado, esse desvirtua os laços e coloca os membros da família em ilhas isoladas. Sendo assim, cada um constroí os seus próprios desejos e acaba por assumi-los como caráter absoluto de sua vontade. As mais diversas tensões geradas na família no âmbito da posse e dos prazeres gera entre eles uma dinâmica de intolerância e agressividade, fazendo assim, que os membros familiares, mesmo que habitando debaixo do mesmo teto, não se reconheçam como próximos uns dos outros e gerando assim uma estranheza entre eles. (Cf. AL 33-34)

Na raiz destes fenómenos negativos está muitas vezes uma corrupção da ideia e da experiência de liberdade concebida não como capacidade de realizar a verdade do projeto de Deus sobre o matrimónio e a família, mas como força autónoma de afirmação, não raramente contra os outros, para o próprio bem-estar egoístico. (FC 6)

Ainda, segundo a Papa, não querendo simplificar o problema, vivemos em uma cultura que incentiva os jovens a não formarem uma família. Isso pode privá-los de diversas possibilidades do futuro. Entre elas podemos enumerar a dos estudos, ou até mesmo, a possibilidade econômica e social, ou ainda, os projetos profissionais. Por fim, acabam sendo dissuadidos. Podemos, ainda, contabilizar a este problema as várias ideologias entranhadas na

⁸¹ S. JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*. São Paulo: Paulinas, 2005. n. 42. Doravante citada através da sigla FC.

⁸² FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*: sobre o amor na família. São Paulo: Paulus, 2016, n. 32. Doravante citada através da sigla AL.

nossa sociedade e, não obstante, o fracasso de outros casais. Para contrapor a tudo isso, é necessário encontrar motivações para encorajar os jovens até mesmo, de modo heroico, a aceitar com entusiasmo e coragem o matrimônio. (Cf. AL 38-40)

Os Padres sinodais aludiram a certas “tendências culturais que parecem impor uma afetividade sem qualquer limitação, (...) uma afetividade narcisista, instável e mutável que não ajuda os sujeitos a atingir uma maior maturidade”. Preocupa a “difusão da pornografia e da comercialização do corpo, favorecida, entre outras coisas, por um uso distorcido da internet” e pela “situação das pessoas que são obrigadas a praticar a prostituição”. Neste contexto, por vezes os casais sentem-se inseguros, indecisos, custando-lhes a encontrar as formas para crescer. Muitos são aqueles que tendem a ficar nos estádios primários da vida emocional e sexual. A crise do casal desestabiliza a família e pode chegar, através das separações e dos divórcios, a ter sérias consequências para os adultos, os filhos e a sociedade, enfraquecendo o indivíduo e os laços sociais”. As crises conjugais são “enfrentadas muitas vezes de modo apressado e sem a coragem da paciência, da averiguação, do perdão recíproco, da reconciliação e até do sacrifício. Deste modo os falimentos dão origem a novas relações, novos casais, novas uniões e novos casamentos, criando situações familiares complexas e problemáticas para a opção cristã”. (AL 41)

Podemos exemplificar, ainda, muitos outros modelos de famílias desestruturadas, como o enfraquecimento da fé em alguns povos que afeta as famílias deixando-as sozinhas em suas dificuldades. A falta de habitação, ou mesmo, uma habitação digna pode levar várias pessoas a adiar a formalização da relação familiar, pois o atual sistema econômico mundial produz as mais diversas formas de exclusão social. Neste contexto, também podemos levar em consideração os problemas enfrentados pelas famílias dos migrantes, que muitas vezes vivem quase na miséria. Temos, ainda, a poligamia que, em algumas culturas, é permitida, que gera uma imensa dor a diversas famílias. Os filhos contraídos fora da relação familiar também causam graves feridas no seio familiar. Como por exemplo, as mais diversas ideologias, entre elas a ideologia de gênero que tenta desfigurar a imagem de homem e mulher como foram inicialmente criados. (Cf. AL 42-57)

Todos esses problemas que a família atual sofre e, ainda incontáveis outros, geram uma desconfiguração na ideia de núcleo familiar, com isso, é preciso rever os valores da família cristã e colocá-los em prática para que retornemos ao que a Igreja ensina e que foi retomado no Concílio Vaticano II.

A íntima comunidade da vida e do amor conjugal, fundada pelo Criador e dotada de leis próprias, é instituída por meio da aliança matrimonial, eu seja pelo irrevogável consentimento pessoal. Deste modo, por meio do ato humano com o qual os cônjuges mutuamente se dão e recebem um ao outro, nasce uma instituição também à face da sociedade, confirmada pela lei divina. Em vista do bem tanto dos esposos e da prole como da sociedade, este sagrado vínculo não está ao arbítrio da vontade humana. O próprio Deus é o autor do matrimônio, o qual possui diversos bens e fins, todos eles da máxima importância, quer para a propagação do gênero humano, quer para o

proveito pessoal e sorte eterna de cada um dos membros da família, quer mesmo, finalmente, para a dignidade, estabilidade, paz e prosperidade de toda a família humana. Por sua própria índole, a instituição matrimonial e o amor conjugal estão ordenados para a procriação e educação da prole, que constituem como que a sua coroa. O homem e a mulher, que, pela aliança conjugal “já não são dois, mas uma só carne” (Mt. 19, 6), prestam-se recíproca ajuda e serviço com a íntima união das suas pessoas e atividades, tomam consciência da própria unidade e cada vez mais a realizam. Esta união íntima, já que é o dom recíproco de duas pessoas, exige, do mesmo modo que o bem dos filhos, a inteira fidelidade dos cônjuges e a indissolubilidade da sua união. (GS 48)

A Igreja precisa o quanto antes retomar em seu aspecto pastoral o cuidado com as famílias. Retomando, também, os principais documentos de modo que o Evangelho seja anunciado novamente a elas. Além disso, é necessário um cuidado maior no caminho de preparação dos noivos para o matrimônio para os fazer entender a grandeza não só do sacramento, mas da sua missão. Sendo assim, é necessário retomar aos valores da educação dos filhos e, contudo, ajudá-los nas possíveis situações difíceis que poderão ser enfrentadas ao longo da vida matrimonial.

Somente com essa ajuda e educação familiar, podemos ter jovens mais centrados, ou melhor, mais bem ajudados pelos pais nos primeiros anos de vida, gerando assim uma pessoa menos fragmentada, ou seja, mais consciente de seu próprio ser. Portanto, torna-se mais fácil entender a sua caminhada e poder ouvir a voz do Senhor. Contudo, não queremos aqui dizer que um jovem que possui uma família desestruturada não consegue responder a sua vocação, os dois poderão responder, mas quando se tem um ordenamento familiar é mais fácil entender e responder ao chamado divino.

2.4 OUTROS ASPECTOS

O presente capítulo apresentou alguns aspectos que podem atrapalhar o jovem no processo de discernimento vocacional, mas ainda existem outros diversos aspectos que podem gerar não só dúvidas quanto a sua vocação, bem como podem levar à uma crise de fé, ou ainda, à duvidar da existência de Deus. Não é nossa intenção esvaziar a problemática, mas, fazer com que, a partir dessas questões, possam ser vistos outros problemas na particularidade de cada jovem. Com isso, no processo de discernimento da vocação, o jovem pode apresentar os problemas que toca a sua realidade, a fim de que permita ser ajudado a entender os sinais e fazer uma escolha correta.

No que diz respeito a outros aspectos, vamos enumerar mais alguns sem entrar em detalhes específicos. Como cristãos devemos fazer um esforço diário para vencer a “tentação da mundanidade”⁸³. Com isso, enfrentamos diversos problemas, ou ainda, tentações do mundo que nos impedem de manter um relacionamento com Deus.

Todavia, são “mais numerosos no mundo são os jovens que padecem formas de marginalização e exclusão social, por razões religiosas, étnicas ou económicas. Lembramos a difícil situação de adolescentes e jovens que ficam grávidas e a praga do aborto, bem como a propagação do HIV, as várias formas de dependência (drogas, jogos de azar, pornografia etc.) e a situação dos meninos e adolescentes de rua, que carecem de casa, família e recursos económicos”. E quando se trata de mulheres, estas situações de marginalização tornam-se duplamente dolorosas e difíceis.⁸⁴

Em nossos tempos, um dos problemas que atingem os jovens é a internet. Nesse sentido, podemos colocar dois aspectos a respeito dessa problemática. O primeiro é o uso excessivo das mídias sociais que acaba gerando certa dependência. O segundo se refere a uma ilusão, pois não consegue se socializar fora do meio digital, gerando, assim, uma dupla personalidade. Com isso, Elio Sgreccia cita dois riscos, os quais a pessoa está vulnerável a essa questão do uso da internet. O primeiro é um possível empobrecimento da percepção real, gerando uma diminuição das faculdades criativas e de imaginação, levando assim a um empobrecimento da linguagem. O outro risco levantado é o da perda dos valores, no qual, a pessoa, não seria capaz de fazer juízos de sentido e de significação metafísica.⁸⁵

Outro mal difundido nos meios de comunicação social, o qual, aqui, tomamos como base a internet, nos deparamos com as realidades da pornografia e o estímulo a violência. De acordo com o Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, esses comportamentos violentos, a sexualidade permissiva, e a pornografia e que, muitas vezes, difundidos por esses meios de comunicação, são moralmente inaceitáveis.⁸⁶ Ainda, segundo o documento, “a pornografia favorece preocupações malsãs nos terrenos da imaginação e do comportamento. Pode interferir no desenvolvimento moral da pessoa e no amadurecimento dos relacionamentos humanos são e adultos”⁸⁷.

⁸³ FRANCISCO. Meditações Matutinas Na Santa Missa Celebrada Na Capela Da Casa Santa Marta. Terça-feira 21 de fevereiro de 2017: Tentados pela Mundanidade. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20170221_tentados-pela-mundanidade.html. Acesso em: 30 Set. 2021.

⁸⁴ FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*. São Paulo: Paulinas, 2019, n.74. Doravante citada através da sigla CV.

⁸⁵ Cf. SGRECCIA, Elio. Manual de Bioética: Fundamentos e Ética Biomédica. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 754-755.

⁸⁶ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Pornografia e Violência nas Comunicações Sociais uma Resposta Pastoral. São Paulo: Edições Paulinas, 1989, n. 5.

⁸⁷ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, n. 15.

Poderíamos elencar outros males presentes na vida dos jovens, mas apresentaremos mais dois exemplos apenas: as drogas e os jogos de azar. As drogas são outra realidade no meio da juventude. Sabemos que elas causam dependência e atrapalham o desenvolvimento de relações embasadas na confiança. Já os jogos de azar continuamente afetam também grande parte das famílias.

Como citado anteriormente, um dos problemas ligados a sexualidade, desse modo, valer-nos-emos do pensamento de Anselm Grün e Meinrad Dufner que fazem uma análise interessante sobre essa temática. Ele fala de espiritualidade de baixo, ou seja, devemos usar a excitação sexual de forma consciente para despertar a força espiritual. A sexualidade deve ser uma força que nos impele para Deus. Pois, Ele pode me falar por meio das paixões, mostrando que estamos afastando do nosso verdadeiro ser. Por isso, através das paixões, Deus pode querer desenvolver algo diferente em nós, só que, muitas vezes, acabamos reprimindo essa ação de Deus, porque não corresponde às nossas ideias.⁸⁸

Contudo, mesmo com toda essa problemática levantada e as mais diversas que podem surgir, deve-se levar em conta que a pessoa é única e traz consigo sua história de vida. Por isso, essa não deve ser descartada. Desse modo, cada um deve ser acompanhado individualmente para que entenda seus problemas, ou mesmo, suas misérias. A fim de que consiga caminhar com elas numa estrada de superação, lembrando sempre que o Senhor caminha conosco como fez com os “discípulos de Emaús” (Cf. Lc 24,13-35), dando força na caminhada e ajudando a superar as limitações. Nesse sentido, iremos apresentar, a seguir, propostas para ajudar os jovens na busca do discernimento à vontade de Deus, para que tenham condições de oferecer uma resposta consciente e consistente ao chamado.

⁸⁸ Cf. GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. *Espiritualidade a Partir de Si Mesmo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, p. 78-83.

3 AS PROPOSTAS APRESENTADAS PELA IGREJA PARA A ANIMAÇÃO VOCACIONAL

Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?
Lc 24,32

3.1 A PASTORAL VOCACIONAL

“Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime” (GS 22). Nesse contexto do Concílio Vaticano II se inicia na Igreja um tempo forte de reflexão sobre a vocação. De maneira especial, na Constituição pastoral *Gaudium Et Spes* o último documento a ser promulgado, e que trata sobre o homem e de sua salvação. Passando, a partir daí, se pensar na vocação, como aquela que aproxima o homem de Deus.

Ainda no contexto das reflexões sobre vocação, iniciadas no Vaticano II para se aproximar da realidade da América Latina e, finalmente, chegar no Brasil, passaremos brevemente pelo que dizem as três últimas conferências gerais da Conferência Episcopal Latino-Americana e do Caribe.

A Conferência de Puebla (1979) apresenta a Pastoral Vocacional como “uma ação evangelizadora e orientada para a evangelização, missão da Igreja, deve ser encarnada e diversificada. Ou seja, deve responder, a partir da fé, aos problemas concretos de cada nação e região e refletir a unidade e variedade de funções e serviços deste corpo diversificado, cuja cabeça é Cristo” (DP 863)⁸⁹. Com isso, salienta ainda que, a “fase juvenil” deve ser privilegiada para o discernimento vocacional, no entanto, não é o único momento. Desse modo, a “pastoral juvenil” deve ser ao mesmo tempo vocacional. Como na Igreja nenhuma pastoral deve ser enxergar como sozinha, o documento orienta que “a Pastoral Vocacional também é uma dimensão essencial da Pastoral Familiar e da Pastoral Educativa e deve ter lugar privilegiado na Pastoral de Conjunto”. (DP 866)

A Conferência de Santo Domingo (1992) ressalta, como sendo muito importante, a estruturação de uma Pastoral Vocacional inserida na pastoral orgânica diocesana, de modo que seja, também, vinculada à Pastoral Familiar e da juventude, fazendo-se urgente a preparação de

⁸⁹ PUEBLA. Conclusões da III Conferência Geral de Episcopado Latino-Americano: A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina. São Paulo: Edições Loyola, 1982, n. 863. Doravante citada através da sigla DP.

agentes para que, encontrem recursos no campo vocacional, apoiando-se no compromisso laical e das vocações consagradas.⁹⁰ Nessa perspectiva, a Pastoral Vocacional deve se fundamentar “na oração, na frequência dos sacramentos da Eucaristia e da Penitência, na catequese da confirmação, na devoção mariana, no acompanhamento com a direção espiritual e num compromisso missionário concreto: estes são os principais meios que auxiliarão os jovens em seu discernimento”(DSD 80). Por isso, como linhas pastorais prioritárias para uma nova evangelização de nossos povos, propõe-se que se deva dar “ênfase na Pastoral Vocacional com especial protagonismo dos leigos e, entre eles, dos jovens”. (DSD 302)

O Documento de Aparecida (2007), coloca-nos como discípulos missionários e, conseqüentemente, aproxima-nos mais ainda da realidade da Pastoral Vocacional, apresentando que a Pastoral Vocacional ocupa um lugar particular na formação dos discípulos missionários. Ela é responsabilidade de todos, com isso, é preciso intensificar as orações e contribuir para uma maior sensibilidade e receptividade ao chamado.

No que se refere à formação de discípulos missionários de Cristo, ocupa lugar particular a Pastoral Vocacional, que acompanha cuidadosamente todos os que o Senhor chama para servir a Igreja no sacerdócio, na vida consagrada, ou no estado leigo. A Pastoral Vocacional, que é de responsabilidade de todo o povo de Deus, começa na família e continua na comunidade cristã, deve dirigir-se às crianças e especialmente aos jovens para ajudá-los a descobrir o sentido da vida e o projeto que Deus tem para cada um, acompanhando-os em seu processo de discernimento. Plenamente integrada no âmbito da pastoral ordinária, a Pastoral Vocacional é fruto de uma sólida pastoral de conjunto, nas famílias, na paróquia, nas escolas católicas e nas demais instituições eclesiais. É necessário intensificar de diversas maneiras a oração pelas vocações, com a qual também se contribui para criar maior sensibilidade receptividade diante do chamado do Senhor; assim como promover e coordenar diversas iniciativas vocacionais. As vocações são dons de Deus; portanto, em cada diocese, não devem faltar orações especiais ao “Dono da Messe”.⁹¹

A Igreja do Brasil, por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB, lançou também um subsídio no final da década de 70 denominado *A Pastoral Vocacional: Realidade, reflexões e pistas*. Em sua introdução, deixa claro “que não se trata de um manual prático ou normativo sobre o problema vocacional [...] apenas aguçam a imaginações e criatividade pastorais para uma maior atenção ao fenômeno, a partir da realidade de Igreja no Brasil”⁹². Nesse intuito provocativo, o documento reafirma que “a Pastoral das Vocações é uma

⁹⁰ Cf. SANTO DOMINGO. Conclusões da IV Conferência Geral de Episcopado Latino-Americano: Nova Evangelização Promoção Humana Cultura Cristã Jesus Cristo Ontem, Hoje e Sempre. São Paulo: Edições Loyola, 1994, n. 80. Doravante citada através da sigla DSD.

⁹¹ DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2008, n. 314.

⁹² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *A Pastoral Vocacional: realidade, reflexão e pistas*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979, Apresentação, p. 5.

dimensão essencial da pastoral orgânica. É a Igreja inteira que está interessada no nascimento e na expansão de todas as vocações”⁹³. E que para um melhor plano de ação da Pastoral Vocacional é preciso evangelização e formação espiritual como vemos no excerto a seguir:

Um plano de ação para a Pastoral das Vocações supõe um esforço geral de evangelização e formação espiritual. Ao nível de ação apostólica, é preciso ajudar os cristãos, mesmo os jovens, a descobrirem os chamados de missão da Igreja nas necessidades do mundo de hoje, sobretudo suas necessidades espirituais. Tais descobertas conduzem a um compromisso verdadeiro. Só uma Igreja missionária merece vocações. Quanto ao plano de formação espiritual, sublinhe-se a importância da catequese, da direção espiritual, assim como de todas as outras experiências privilegiadas onde, sob a ação do Espírito, a alma aprende sobretudo a escutar a Palavra de Deus, o silêncio interior e a oração.⁹⁴

Desse modo, desde a década de 70, a Igreja no Brasil se preocupa com as vocações, e busca criar uma cultura vocacional, a mesma que foi pedida nas conferências do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, para que, por meios de simpósios e congressos, se debatessem o tema das vocações, tanto em âmbito nacional, como diocesano. Portanto, o trabalho da Pastoral Vocacional no Brasil é um tema que cresce, e que já vemos, em alguns lugares, os frutos da cultura vocacional que foi arduamente plantada e regada por tantas pessoas.

A Pastoral Vocacional, cada dia mais recebe o seu devido valor nas dioceses. Para ilustrar, de modo concreto o que acabamos de dizer, vamos trazer aqui o contexto da Arquidiocese de Goiânia. Desde a sua criação, pode-se notar que, com o seu primeiro arcebispo, Dom Fernando Gomes dos Santos, há uma preocupação com as vocações, refletida na criação da Obra das Vocações Sacerdotais.⁹⁵ Os anos se passaram, e esse trabalho continuou até os nossos dias, de modo que, nos anos de 2010-2011, a partir da experiência do Ano Vocacional arquidiocesano, decretado por Dom Washington Cruz, percebemos como um gesto de preocupação e promoção das vocações.

Nesse Ano Vocacional (2010-2011), foi destacado o sentido do chamado. “Há um chamamento: a vocação é exterior à pessoa, apanha-a desprevenida, desinstala-a e muda-lhe o curso da existência. Assim aconteceu com Abraão, Moisés, os profetas, os apóstolos, Paulo... Assim acontece – deveria acontecer – com cada cristão”⁹⁶. Nesse sentido, foi proposto à toda Igreja arquidiocesana, em sintonia com a Pastoral Vocacional a realizar as mais diversas

⁹³ CNBB, 1979, Introdução, n. 5.

⁹⁴ CNBB, 1979, Introdução, n. 7.

⁹⁵ Cf. ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA. História da Arquidiocese. Disponível em: <https://www.arquidiocesedegoiania.org.br/arquidiocese/historia>. Acesso em: 01 Nov. 2021.

⁹⁶ CRUZ, Washington. Carta Pastoral 11 – Chamei-te pelo nome: tu és meu. Disponível em: <https://www.arquidiocesedegoiania.org.br/comunicacao/cartas-pastorais>. Acesso em: 20 Out. 2021, n. 7.

atividades e momentos de orações ao Senhor da messe, para que os jovens se dedicassem ao discernimento da própria vocação e pudessem, assim, corresponder a esse chamado.

Dom Washington ainda destacou em sua carta pastoral, desse ano, que a promoção das vocações não depende somente, ou unicamente, da Pastoral Vocacional, mas que é responsabilidade de todos. “Os promotores responsáveis pelas vocações sacerdotais e religiosas são, em primeiro lugar, os leigos e leigas de nossas comunidades, conscientes da graça que lhes foi concedida e atentos ao chamado/vocação que lhes foi feito: ser discípulos do Senhor Jesus”⁹⁷. Essa preocupação com as vocações deve ser constante na Igreja, de modo que, todos, se sintam interpelados pela voz do Senhor e respondam o seu chamado.

3.2 O SER DA PASTORAL VOCACIONAL

No que corresponde a Pastoral Vocacional, poderíamos definir da seguinte maneira: “trabalho pastoral da Igreja para orientar o cristão na sua opção vocacional apostólica, mediante uma fé adulta, de tal modo que expresse seu serviço ministerial ou carismático para a Igreja, em qualquer dos estados de vida”⁹⁸. Desse modo, a Pastoral Vocacional, em seu cerne, é destinada a cuidar do nascimento, discernimento e acompanhamento das vocações. Em nosso tempo, devemos ouvir o grito que a Pastoral Vocacional exige, o de ser assumida com um vigoroso compromisso por parte da Igreja, de modo que, se torne uma atividade intimamente ligada à toda ação pastoral.

Ser assumida com um novo, vigoroso e mais decidido compromisso por parte de todos os membros da Igreja, na consciência de que aquela não é um elemento secundário ou acessório, nem um momento isolado ou setorial, quase uma simples “parte”, ainda que relevante, da pastoral global da Igreja: é sim, [...] uma atividade intimamente inserida na pastoral geral de cada Igreja, um cuidado que deve ser integrado e plenamente identificado com a “cura de almas” dita ordinária, uma dimensão conatural e essencial da pastoral da Igreja, ou seja, da sua vida e da sua missão. (PDV 34)

A partir disso, entende-se que, a dimensão vocacional é conatural ao homem, com isso, ela define o ser da Igreja de modo profundo.

A dimensão vocacional é conatural e essencial à pastoral da Igreja. A razão está no fato de que a vocação define, em certo sentido, o ser profundo da Igreja, ainda antes

⁹⁷ CRUZ, n. 14.

⁹⁸ CNBB, III, n. 1.

do seu operar. No próprio nome da Igreja, *Ecclesia*, está indicada a sua íntima fisionomia vocacional, porque ela é verdadeiramente “convocação”, Assembleia dos chamados: “A todos aqueles que olham com fé para Jesus, como autor da salvação e princípio da unidade e da paz, Deus convocou-os e constituiu com eles a Igreja, para que seja para todos e cada um o sacramento visível desta unidade salvífica”. (PDV 34)

Compreendendo o ser da vocação do homem e da sua importância para a salvação de cada um, a Igreja, há algum tempo, vem falando da criação de uma “cultura vocacional”. Para isso, se faz necessário que seja criada em nossas dioceses e paróquias, essa cultura vocacional, não permitindo que fique, apenas, no discurso, no papel, ou, até mesmo, na vontade.

Contudo, o IV Congresso Vocacional do Brasil (2019) retoma e atualiza essa perspectiva dizendo que não é uma meta a ser alcançada, e sim, necessita da consciência da verdade.

A cultura vocacional não pode ser entendida e percebida como meta a ser alcançada, mas como um processo dinâmico que continuamente deve ser revisitada, fortalecida e assumida. Ela “necessita da consciência da verdade expressa por Tertuliano: ‘os cristãos não nascem, se fazem’” no processo de descoberta e assunção da pessoa de Jesus Cristo, de seu projeto e da Igreja. Fundamenta-se na centralidade do querigma vocacional: “Deus te ama e por isso te chama; neste chamado, está escondida a tua verdade (e também tua felicidade); é chamado a ser semelhante ao Filho que, por amor, deu sua vida por todos; também por ti, salvou-te! Isto significa que te tornou capaz – por amor – de fazer como Ele, de dar tua vida por amor; esta é tua vocação, algo que somente tu poderás realizar não importa que escolhas faças”.⁹⁹

Talvez aqui, poderíamos aplicar a linguagem do cristão apresentada pelo Papa Francisco, em que todos deveríamos expressar a “Alegria do Evangelho”¹⁰⁰. Pois, se reconhecemos a Verdade e o Bem que Deus quer para cada um, deve-se expressá-lo com a mais perfeita alegria, porque “a nossa alegria cristã brota da fonte do coração transbordante” (EG 5) do Senhor. Somente assim a Pastoral Vocacional cumprirá o seu “ser” na Igreja.

3.3 O ACOMPANHAMENTO

“Jesus Aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles” (Lc 24,15), esse versículo bíblico, dos discípulos de Emaús, ilustra para nós como deve ser o acompanhamento vocacional. Esse

⁹⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA OS MINISTÉRIOS ORDENADOS E VIDA CONSAGRADA – PASTORAL VOCACIONAL NACIONAL. Texto Base do IV Congresso Vocacional do Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2018, n. 93.

¹⁰⁰ FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: A Alegria do Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013, n. 1.

caminho deve ser feito próximo ao jovem, para que alcance a santidade, ou seja, temos o ponto de partida que é a realidade do jovem, e temos o ponto de chegada, que é a santidade, mas nos falta o intermediário, ou, melhor dizendo, os meios com que o fará alcançar a santidade. Para isso, é necessário descobrir e trilhar a vocação específica de cada um, que foi querida por Deus, antes mesmo do nascimento.

Sabendo que o ponto de chegada do cristão é a santidade, fica mais claro o caminho a seguir, contudo, é preciso sempre ter em mente a sua missão como um caminho de santidade. A vontade do Senhor é que sejamos santos, para isso, primeiramente, deve-se tomar a decisão: quero seguir o Senhor. Tomada a decisão, deve-se dar o segundo passo que é a busca. Nesse sentido, a “Pastoral vocacional”¹⁰¹ deve entrar na vida do jovem para ajudá-lo nessa busca. Pois, esse caminho de busca não se pode fazer sozinho, a Igreja deve acompanhá-lo.

O caminho de acompanhamento tem um precioso ponto de chegada: colocar o jovem em condição de descobrir o projeto de Deus e de escolhê-lo, livre e responsabilmente, como revelação da própria identidade. O acompanhamento não existe, portanto, em função dos programas do guia ou da instituição, e sim de criar uma disponibilidade obediencial em relação ao plano vocacional divino.¹⁰²

O primeiro aspecto que deve ser salientado é o do encontro, ou seja, a amizade com Cristo. “A amizade é um presente da vida e um dom de Deus. Através dos amigos, o Senhor purifica-nos e faz-nos amadurecer. Ao mesmo tempo, os amigos fiéis, que permanecem ao nosso lado nos momentos difíceis, são um reflexo do carinho do Senhor, da sua consolação e da sua amorosa presença” (CV 151). O caminhar com outras pessoas, nos ajudam a manter uma verdadeira amizade com Cristo. E para discernir a vocação não é diferente, neste caminho de amizade, Cristo nos oferece o melhor.

Para discernir a própria vocação, é preciso reconhecer que a mesma é a chamada dum amigo: Jesus. Aos amigos, quando se dá uma prenda, oferece-se o melhor; isto não significa que seja necessariamente a prenda mais cara ou difícil de conseguir, mas a que – sabemos – dará alegria ao outro. Um amigo tem uma percepção tão clara disto mesmo que consegue visualizar, na sua imaginação, o sorriso do amigo ao abrir o seu presente. Este discernimento de amizade é o que proponho aos jovens como modelo se quiserem compreender qual é a vontade de Deus para a sua vida. (CV 287)

¹⁰¹ Pastoral Vocacional, no contexto aqui utilizado, pode ser entendido como acompanhamento vocacional. Este acompanhamento pode ser feito de várias maneiras, mas aqui iremos delimitar algumas. Nesse sentido será proposto aqui um caminho espiritual de acompanhamento do jovem que deve ser feito também sob a ótica de um promotor vocacional, que não necessariamente deve ser um padre ou religioso.

¹⁰² CENCINI, Amedeo. Os Sentimentos do Filho: Caminho Formativo na Vida Consagrada. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 331.

Contudo, após o encontro com Cristo, sabemos que existem ainda outros desafios a serem superados, pois, é preciso mudar de vida. Essa mudança, ou mesmo, essas mudanças de atitudes e caminhos, geram muitos conflitos no mundo atual. Nesse sentido, o processo de autoconhecimento em que se deve acompanhar o jovem, por muitas vezes é árduo, longo e doloroso. Por isso, depende das experiências vividas por cada um, e da maneira que trazem marcadas em seus corações essas experiências. Muitas vezes alguns “jovens sentem-se fascinados pela aventura de uma gradual descoberta de si mesmos”¹⁰³, diferente de outros que, esse processo, seja muito doloroso. Isso ocorre pelo fato de ter a sua história fragmentada. Esse fragmentar da história é que pode gerar desordens nas pessoas, gerando, assim, muita dor, e, até mesmo, uma desistência do caminho.

Normalmente, uma vida reduzida assim aos pedaços revela também uma pessoa desorganizada em seu interior, com sérios problemas de maturidade humana, sobretudo porque fulano não sabe quem ele é, pelo fato de o passado não lhe oferecer nenhum projeto já esboçado que precisa ser levado a termo. Mas também não lhe oferece uma imagem realista e integrada de si, com suas luzes e sombras. Com um eu atual e um eu ideal.¹⁰⁴

Conhecendo a história do vocacionado, é preciso ajudá-lo a ordenar sua vida. Nesse sentido, após conhecer a sua história, fica mais claro o entendimento do todo, ou seja, conhecer seus defeitos e suas qualidades. Com isso, é preciso ajudá-lo a ordenar a sua vida interior e espiritual, caso contrário, torna-se difícil dar uma resposta concreta. Sendo assim, para organizar sua vida, a Igreja oferece alguns meios nos quais já são conhecidos a séculos, como por exemplo, a *Lectio Divina*, ou melhor, a leitura orante da Palavra de Deus. Que além de aproximar mais com a relação entre o jovem e Deus, ainda o ajuda a organizar interiormente sua vida.

Elemento essencial da formação espiritual é a leitura meditada e orante da Palavra de Deus (*lectio divina*), é a escuta humilde e cheia de amor d'Aquele que fala. É, de facto, à luz e pela força da Palavra de Deus, que pode ser descoberta, compreendida, amada e seguida a própria vocação e levada a cabo a própria missão, a ponto de que a inteira existência encontra o seu significado unitário e radical no ser ponto de chegada da Palavra de Deus que chama o homem e o ponto de partida da palavra do homem que responde a Deus. A familiaridade com a Palavra de Deus facilitará o itinerário de conversão não apenas no sentido de se separar do mal para aderir ao bem, mas também no sentido de se alimentar no coração os pensamentos de Deus, de modo que a fé, qual resposta à Palavra, se torne o novo critério de juízo e avaliação dos homens e das coisas, dos acontecimentos e dos problemas. (PDV 47)

¹⁰³ SINODO DOS BISPOS, 2019, n. 77.

¹⁰⁴ CENCINI, 2002, p. 129.

A *lectio divina* nos ajuda a entender melhor o sentido da própria vida, configurando-nos com a Palavra de Deus. Nesse sentido, podemos dizer que, ela, é uma forma mais prática de se falar com Deus e de escutá-lo. Isso gera um melhor diálogo e uma proximidade com o Senhor, proximidade essa de amigos, como se o próprio Deus estivesse sentado ao lado conversando, face a face, como outrora fez com Moisés (Cf. Dt 34,10). A leitura orante nos prepara para outros momentos, ou seja, através desse método de se rezar com a Palavra, somos preparados, inseridos nos sacramentos, de modo que a intimidade com a Palavra gere unidade com o Senhor. A vivência sacramental também é de suma importância para aqueles que querem descobrir sua vocação, sobretudo os sacramentos da Penitência e da Eucaristia.

Na Eucaristia participamos do memorial da morte e ressurreição do Senhor, no qual Ele realiza nossa redenção. Desse modo, ao participar da Eucaristia, cada fiel colhe frutos inesgotáveis. Assim sendo, na Eucaristia vemos o amor de Jesus pela humanidade levado até as últimas consequências.

Quando a Igreja celebra a Eucaristia, memorial da morte e ressurreição do seu Senhor, este acontecimento central de salvação torna-se realmente presente e “realiza-se também a obra da nossa redenção”. Este sacrifício é tão decisivo para a salvação do gênero humano que Jesus Cristo realizou-o e só voltou ao Pai depois de nos ter deixado o meio para dele participarmos como se tivéssemos estado presentes. Assim cada fiel pode tomar parte nela, alimentando-se dos seus frutos inexauríveis. Esta é a fé que as gerações cristãs viveram ao longo dos séculos, e que o magistério da Igreja tem continuamente reafirmado com jubilosa gratidão por dom tão inestimável. É esta verdade que desejo recordar mais uma vez, colocando-me convosco, meus queridos irmãos e irmãs, em adoração diante deste Mistério: mistério grande, mistério de misericórdia. Que mais poderia Jesus ter feito por nós? Verdadeiramente, na Eucaristia demonstra-nos um amor levado até ao “extremo” (Cf. Jo 13, 1), um amor sem medida.¹⁰⁵

Entendendo que a Eucaristia é ápice e fonte de nossa fé¹⁰⁶, juntamente com ela deve caminhar a Penitência, pois ela nos ajuda a purificar nossas intenções e propósitos para uma vida de virtudes, pautada na Palavra do Senhor. “A reconciliação sacramental reestabelece a amizade com Deus Pai e com todos os seus filhos na sua família que é a Igreja, a qual, portanto, rejuvenesce sendo edificada em todas as suas dimensões: universal, diocesana, paroquial”¹⁰⁷.

Ainda nesse contexto, do sentido do sacramento da Penitência para a vida do fiel, o Ritual da Penitência traz uma explicação bem propícia para o nosso entendimento e discussão.

¹⁰⁵ S. JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Paulinas, 2012, n. 11.

¹⁰⁶ Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*: sobre a Sagrada Liturgia. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus 1997, n. 10.

¹⁰⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros. São Paulo: Paulinas, 2013, n. 70.

Com isso, vamos perceber a necessidade de conversão, e que, também, somos convidados por meio deste sacramento a nos aproximar da graça do Senhor.

O discípulo de Cristo que, após o pecado, se aproxima, movido pelo Espírito Santo, do sacramento da penitência, deve, antes de tudo, voltar para Deus de todo o coração. Esta conversão interior que compreende a contrição do pecado e o propósito de uma vida nova, se expressa pela confissão feita à Igreja, pela necessária satisfação e pela mudança de vida. E Deus concede a remissão dos pecados por meio da Igreja, que atua pelo ministério dos sacerdotes.¹⁰⁸

Aliado ao Sacramento da Penitência, o jovem, buscando a realização da vontade de Deus, precisa discernir os “espíritos”¹⁰⁹. Nesse sentido, sozinho, torna-se mais difícil, surgindo a necessidade de um diretor espiritual que o ajudará a compreender esses desejos e apetites, de modo que aprenda a purificá-los, e, assim, aproxime-se sempre mais do Senhor e compreenda os Seus desígnios.

Muitas vezes, o jovem precisa da compreensão dos seus desejos e a purificação deles para, assim, compreender a sua vocação. Isso parece ser simples e rápido, mas nem sempre o é. É necessário um crescimento espiritual e uma disposição do próprio jovem, para uma vida virtuosa. Nesse sentido, podemos compreender a o grande papel que a direção espiritual exerce na vida da pessoa, porque ajuda-a ter um progresso na vida espiritual.

Assim, pois a direção espiritual pretende ajudar para que a pessoa chegue a se realizar em seu ser mais pleno, a ser o que deve ser em sua existência. Portanto, ajudar a conhecer o plano de Deus sobre a vida da pessoa e a colocar os meios condizentes com vistas à resposta mais adequada. Poderíamos falar a mesma coisa de modo mais teológico: ajudar para que a pessoa renda um culto maior a Deus em espírito e em verdade no desenvolvimento de sua existência. A direção espiritual pretende fazer andar e desenvolver um processo de procura dos desígnios de Deus sobre a pessoa e um processo de preparação para a resposta mais adequada à iniciativa divina. Vai ajudar para que a pessoa desenvolva esse processo a partir das possibilidades máximas de liberdade interior, desde os motivos fundamentados em valores definitivos e absolutos, com uma opção totalmente responsável e livre.¹¹⁰

Após apresentarmos aquilo que podemos chamar de meios ordinários para se chegar uma profunda união com Deus, queremos elucidar, ainda, que existe um outro, o extraordinário, que é o silêncio. Nele a voz do Senhor se amplifica ao nos falar no íntimo do nosso coração, mas, para que isso aconteça, é preciso silenciar-se. Em nossos dias, com o barulho do mundo,

¹⁰⁸ RITUAL DA PENITÊNCIA. São Paulo: Paulus, 5ª reimpressão, 2019, n. 6.

¹⁰⁹ Aqui utilizamos a mesma expressão utilizada por Santo Inácio de Loyola em seus exercícios, mas pode-se entender como vontade ou ainda podemos utilizar o termo de Santo Tomás de Aquino paixões da Alma.

¹¹⁰ MIRANDA, Tomás Rodríguez. A Direção Espiritual: Pastoral do acompanhamento espiritual. São Paulo: Paulus, 2009, p. 40-41.

que cada vez se torna maior, geralmente temos dificuldades em silenciarmos. Contudo, não podemos nos esquecer que o silêncio é uma atitude que devemos cultivar sempre, pois o Senhor grita à cada um de nós o Seu desejo de que sejamos totalmente dele, mas, se estamos com ouvidos atentos nas coisas externas, é fato que não conseguimos Lhe ouvir.

Por fim, gostaríamos de salientar que, às vezes, nem sempre podemos dizer que esse processo, aqui sugerido, é frutífero. Porque, esse processo, depende sempre do “outro”, ou seja, depende sempre daquele que quer seguir o caminho. Não podemos tomar decisões por ninguém, nem mesmo o próprio Senhor o faz isso. Ele respeita a liberdade da pessoa. A resposta à vocação, como caminho de buscar a santidade, devem brotar do coração de cada um. Para isso, cabe a cada um regar a sementinha que foi plantada pelo próprio Senhor, lutando com todas as forças para que cresça e frutifique. Nesse sentido, somos os primeiros responsáveis pela nossa própria vocação e como buscamos realizá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao caminharmos para o findar deste nosso trabalho, podemos ver que o chamado que Deus faz aos homens perpassa toda a história, desde os nossos primeiros pais Adão e Eva, e quando caíram no pecado o Senhor não os abandonou, preocupando assim em cuidar deles e de sua descendência, até os nossos dias. Nesse ínterim, o Senhor, escolhe Abraão para se tornar um grande povo, ou melhor, o povo escolhido por Ele, do qual cuida com todo afeto e carinho. Abraão, o primeiro dos patriarcas, ao ser colocado à prova, tendo que entregar o seu único filho ao Senhor, demonstra que era um homem de fé e que acreditava no chamado que Deus o havia feito. Contudo, Abraão morre sem ver realizar a promessa que o Senhor havia feito a ele, quando pediu para que ele deixasse tudo.

O chamado do Senhor ainda perpassa todo o Antigo Testamento, seja ele expresso nos patriarcas, nos juízes, nos reis, ou, até mesmo, nos profetas. Chegada à plenitude dos tempos, o Senhor, chama a Virgem Maria a uma missão e depois seu esposo São José, com isso, se inicia um novo tempo. Agora, o próprio Jesus começa a chamar os seus a O seguirem. Ao passar sua Paixão, Morte, Ressureição e Ascensão ao Céus, os discípulos continuam sua missão, e mais ainda, outras pessoas, também, responderam ao chamado do Senhor.

No início da Igreja muitos deram sua vida em resposta ao chamado que o Senhor os fazia. Desse modo, são inúmeros os exemplos e testemunhos de mártires dos primeiros séculos da Igreja. O chamado que o Senhor faz para segui-Lo, perpassa toda a história e chega aos nossos dias. Pois o Senhor nos chama ainda hoje, mas atualmente notamos uma recusa, ou, muitas vezes, uma não aceitação do chamado, de modo que o Senhor chama, mas, nem sempre existe uma resposta.

A dificuldade em responder ao Senhor podem ser diversas. Uma delas, pode ser o de não conhecer verdadeiramente o Senhor e sua vontade, devido ao fato de que não possui um encontro pessoal com Cristo. Um desses motivos é o barulho do mundo que, não raras vezes, proporciona muitas distrações, fazendo dessa forma, que o jovem não escute a voz de Deus. A dificuldade de renunciar por causa de Cristo muitas vezes não está ligada apenas às coisas materiais, mas aos afetos, prazeres, ou, até mesmo, em não querer sair do comodismo.

Concluimos também que as diversas dificuldades familiares, sejam por falta de uma educação na fé, ou mesmo pela desestruturação familiar, muito presente na sociedade de hoje, que insere diversas ideologias na vida dos cristãos, contribuem para que os jovens não possam escutar e dar uma resposta ao Senhor. Hoje, também, nos deparamos com a imaturidade da sociedade atual, que não quer tomar as próprias decisões. Ao invés, fica protelando suas

escolhas, ou ainda, querendo que outros as façam por elas. Não podemos nos esquecer, que as drogas, a pornografia, os jogos de azar e a internet, causa de tantas dependências das pessoas, retirando-as da vida social, desestruturando, muitas vezes, a pessoa e as famílias.

A Igreja como mãe tem o dever de cuidar de seus filhos, com isso, tendo por base os vários documentos dedicados ao cuidado das vocações, a Pastoral Vocacional deve ajudar esses jovens, sempre atenta as disposições apresentadas pelos diversos documentos, a ajudá-los no processo de escuta da vontade do Senhor, primeiramente ao seu chamado a ser santo. Depois de entender isso, o jovem é convidado a descobrir a sua vocação específica. Nesse sentido, a Pastoral Vocacional deve acompanhá-lo nesse processo de discernimento e escuta da vontade do Senhor. O que acontece, não raras vezes, é que muitos querem uma resposta já formulada, e sabemos que não é assim. O processo de discernimento pode ser longo e até mesmo doloroso, pois, em diversos casos é preciso superar dificuldades e misérias pessoais para crescer.

Por isso, faz-se urgente que todos os padres tomem consciência de que o processo de discernimento vocacional faz parte do seu ofício de cura de almas. Só assim darão a verdadeira importância no auxílio aos jovens. Da mesma forma que um dia foram interpelados para fazer a vontade de Deus, hoje são convidados a interpelar os jovens a também realizar em nossos dias a vontade do Senhor.

No processo de discernimento vocacional é preciso, inicialmente, que todos os envolvidos, seja na Pastoral Vocacional, na Pastoral Familiar ou nas casas de formação, conheçam a realidade de cada jovem, nos mais diversos aspectos, familiar, humano, afetivo etc., para que assim, possam ajudar de forma pessoal a cada um no que tange as misérias e falhas. Somente assim teremos uma superação dessas dificuldades, ou seja, um crescimento verdadeiro de virtudes e uma busca sincera de santidade. Devemos lembrar que estamos lidando diretamente com a salvação da pessoa.

É somente entendendo o contexto, ou seja, conhecendo verdadeiramente a história de cada um, que poderemos ajudar em seu crescimento humano e espiritual de modo integral. Quando isso não é feito, corre-se o risco de fragmentar ainda mais nossos jovens. Devemos lembrar que agimos em nome de Deus, desse modo, devemos ser pontes e não pedras de tropeço no processo de discernimento vocacional. Pois, no que diz respeito a vocação, todos o cuidado é necessário, por isso, sejamos abertos ao Espírito para que possamos ajudar nossos jovens na escuta da voz de Deus.

REFERÊNCIAS

ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA. **História da Arquidiocese.** Disponível em: <https://www.arquidiocesedegoiania.org.br/arquidiocese/historia>. Acesso em: 01 Nov. 2021.

BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini.** São Paulo: Paulinas, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova Edição, revista e ampliada. 12ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2017.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo Comentário Bíblico São Jeronimo: Antigo Testamento.** São Paulo: Paulus, 2007.

CANTALAMESSA, Raniero. **A Pobreza.** São Paulo: Edições Loyola, 2014.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CENCINI, Amedeo. **Com Amor: Liberdade e Maturidade Afetiva no Celibato Consagrado.** São Paulo: Paulinas, 1997.

CENCINI, Amedeo. **Os Sentimentos do Filho: Caminho Formativo na Vida Consagrada.** São Paulo: Paulinas, 2002.

CENCINI, Amedeo. **Viver Reconciliados: aspectos psicológicos.** São Paulo: Paulinas, 1988.

CIFUENTES, Rafael Llano. **Sacerdotes para o Terceiro Milênio.** Aparecida: Editora Santuário, 2009.

CIGOÑA, J. Ramón F. de la. **Acompanhamento Vocacional: um Caminho.** São Paulo: Edições Loyola, 1994.

Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*: Sobre a Igreja no Mundo Hoje. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.

Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*: sobre a Sagrada Liturgia. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus 1997.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **A Pastoral Vocacional: realidade, reflexão e pistas.** São Paulo: Edições Paulinas, 1979. (Estudo CNBB 05).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Ele Está no Meio de Nós: O Semeador do Reino – O Evangelho de Mateus.** São Paulo: Paulus, 1998.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL; COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA OS MINISTÉRIOS ORDENADOS E VIDA CONSAGRADA – PASTORAL VOCACIONAL NACIONAL. **Texto Base do IV Congresso Vocacional do Brasil.** Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros**. São Paulo: Paulinas, 2013.

COMAY, Joan. **Quem é quem no Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1998.

CRUZ, Washington. **Carta Pastoral 11 – Chamei-te pelo nome: tu és meu**. Disponível em: <https://www.arquidiocesedegoiania.org.br/comunicacao/cartas-pastorais>. Acesso em: 20 Out. 2021.

DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. São Paulo: Paulus, 2008.

FERRAZ, Eduardo Pedreira do C. **Pastoral e Orientação Vocacional: Uma Proposta Psicopedagógica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo. **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

FRANCISCO. **Audiência Geral. Quarta-feira 03 de junho de 2020. Catequese 5: A Oração de Abraão**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200603_udienza-generale.html. Acesso em: 11 Ago. 2021.

FRANCISCO. **Audiência Geral. Quarta-feira 17 de junho de 2020. Catequese 7: A Oração de Moisés**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200617_udienza-generale.html. Acesso em: 15 Ago. 2021.

FRANCISCO. **Audiência Geral. Quarta-feira 24 de junho de 2020. Catequese 8: A Oração de David**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200624_udienza-generale.html. Acesso em: 20 Ago. 2021.

FRANCISCO. **Audiência Geral. Quarta-feira 18 de novembro de 2020. Catequese - 15. A Virgem Maria, mulher orante**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20201118_udienza-generale.html. Acesso em: 12 Ago. 2021.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: A Alegria do Evangelho**. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Gaudete Et Exultate***. São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*: sobre o amor na família**. São Paulo: Paulus, 2016.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit***. São Paulo: Paulinas, 2019.

FRANCISCO. **Meditações Matutinas Na Santa Missa Celebrada Na Capela Da Casa Santa Marta. Terça-feira 21 de fevereiro de 2017: Tentados pela Mundanidade.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20170221_tentados-pela-mundanidade.html. Acesso em: 30 Set. 2021.

FRANKL, Viktor E. **Em Busca de Sentido: Um psicólogo no campo de concentração.** São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. **Espiritualidade a Partir de Si Mesmo.** Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

KIEFER, Alex. **Juventude Cristã e os Desafios da Modernidade.** Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1286519/2018/08/juventude-crista-e-os-desafios-da-modernidade>. Acesso em: 07 Set. 2021.

LIGÓRIO, Afonso Maria de. **A prática do amor a Jesus Cristo.** 7. ed. Aparecida: Editora Santuário, 1996.

MÉZERVILLE, Gaston de. **Maturidade Sacerdotal e Religiosa: A Vivência da Maturidade.** São Paulo: Paulus, 2000.

MIRANDA, Tomás Rodríguez. **A Direção Espiritual: Pastoral do acompanhamento espiritual.** São Paulo: Paulus, 2009.

MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antonio Rodrigues. **Introdução ao Estudo da Bíblia: Evangelho Sinóticos e Atos dos Apóstolos.** São Paulo: Editora Ave-Maria, Vol. 6, 2000.

MONLOUBOU, L.; BUIT, F. M. du. **Dicionário Bíblico Universal.** Petrópolis: Vozes, 1997.

O GLOBO. **Especialistas tentam explicar por que os jovens estão demorando tanto a amadurecer.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/especialistas-tentam-explicar-por-que-os-jovens-estao-demorando-tanto-amadurecer-2960483>. Acesso em 20 Set. 2021.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. **Teologia da Vocação: Temas Fundamentais.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. **Pornografia e Violência nas Comunicações Sociais uma Resposta Pastoral.** São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

PUEBLA. **Conclusões da III Conferência Geral de Episcopado Latino-Americano: A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina.** São Paulo: Edições Loyola, 1982.

RITUAL DA PENITÊNCIA. São Paulo: Paulus, 5ª reimpressão, 2019.

S. JOÃO XXIII. **Discurso do Papa João XXIII na Abertura Solene do Concílio: 11 de outubro de 1962.** In: Documentos de Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

S. JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*: No Início do Novo Milênio.** São Paulo: Paulinas, 2001.

S. JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*.** São Paulo: Paulinas, 2012.

S. JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*.** São Paulo: Paulinas, 2005.

S. JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sobre a Formação dos Sacerdotes *Pastoris Dabo Vobis*.** São Paulo: Paulinas, 2009.

S. PAULO VI. **Carta Encíclica *Populorum Progressio*.** São Paulo: Edições Paulinas, 1967.

SANTO DOMINGO. **Conclusões da IV Conferência Geral de Episcopado Latino-Americano: Nova Evangelização Promoção Humana Cultura Cristã Jesus Cristo Ontem, Hoje e Sempre.** São Paulo: Edições Loyola, 1994.

SCHNACKENBURG, Rudolf. **O Evangelho Segundo Marcos: Mensagem e Comentário.** Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

SCHREINER, J. **Palavra e Mensagem: Introdução Teológica e Crítica aos Problemas do AT.** São Paulo: Edições Paulinas, 1978.

SGRECCIA, Elio. **Manual de Bioética: Fundamentos e Ética Biomédica.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SICRE, José Luis. **Introdução ao Antigo Testamento.** Petrópolis: Vozes, 1994.

SÍNODO DOS BISPOS XV Assembleia Geral Ordinária. **Os Jovens, A Fé e o Discernimento Vocacional: Documento Final Carta aos Jovens.** São Paulo: Paulinas, 2019.